



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE

PRESIDENTE: GILSON BARRETO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 28/09/2015

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Intervenção, expressão ou palavra ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Boa noite a todos. Sou o Vereador Gilson Barreto, Presidente da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente da Câmara Municipal de São Paulo.

Declaro abertos os trabalhos da 47ª audiência pública ao PL 272/2015, que disciplina o Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo do Município de São Paulo, também chamada de Lei do Zoneamento, que vai definir as atividades que podem ser instaladas nos diferentes locais da Cidade.

Esclareço que esse projeto foi encaminhado pelo Sr. Prefeito da cidade de São Paulo em cumprimento ao artigo 368 do Plano Diretor Estratégico, Lei 16.050, encontrando-se em tramitação na Câmara Municipal.

Esta audiência tratará da região Lapa.

- Apresentação do projeto.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Passemos ao debate. Tem a palavra o primeiro inscrito: Fernando Mourão, da Amocity (Associação Moradores da City Lapa).

O próximo vai ser Wellington de Souza.

O SR. FERNANDO MOURÃO - Boa noite, amigos; boa noite à Mesa, aos Vereadores, ao José Antônio Varela Queija, nosso Subprefeito.

O que vou falar aqui hoje não inventei nada, são dados que facilmente vocês podem pegar na internet. Hoje a cidade de São Paulo tem quase 12 milhões de habitantes. Esse número cresce a cada dia; mais pessoas chegam, muitos sem ter onde ficar e sem ter uma formação; acabam invadindo propriedades públicas e privadas, áreas de proteção ambiental e mananciais. A grande maioria não é absorvida pelo mercado de trabalho e acabam engrossando as estatísticas da violência. Em contrapartida, temos uma espantosa especulação imobiliária, com a construção de prédios enormes, sem fiscalização, sem estudo de impacto ambiental, sem estudo de impacto de trânsito, sem um crescimento sustentável e sem nenhum tipo de compensação ambiental.

Cresce a população, mas não se crescem proporcionalmente parques, praças, áreas verdes, creches, escolas, transportes, hospitais e lazer - isso sem contar a água, que já está no volume morto.

Como queremos São Paulo daqui a 10, 20 ou 50 anos? Se tivéssemos pensado isso 50 anos atrás, não estaríamos nessa zona que está hoje. Não Paulo não pode ser a solução para o Brasil. Devemos preservá-la e achar o meio-termo.

No final deste ano - ou sabe-se lá quando -, Srs. Vereadores terão um novo desafio que será a votação do novo Plano Diretor, Uso e Ocupação do Solo. Portanto, peço aos digníssimos Vereadores que ouçam os moradores e as associações de bairro da Lapa que estão hoje aqui representados (Palmas) e que são os que olham, lutam e preservam há anos este bairro, resistindo bravamente contra interesses imobiliários. (Palmas)

Senhores, viemos aqui em mais uma audiência pública pedir a preservação do que resta das ZERs - Zonas Estritamente Residenciais, que hoje são os pequenos pulmões (Palmas) e um patrimônio da Lapa. (Palmas)

Entendemos que algumas vias - como a Brigadeiro Gavião Peixoto, a Pio XI, a Monte Pascoal - são irreversíveis e precisam ser legalizadas, mas não queremos especulação. Não estamos ganhando dinheiro com isso. Queremos apenas respirar.

Muito obrigado (palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Muito obrigado.

Wellington de Souza; depois, Marco Antonio de Vasconcelos.

O SR. WELLINGTON DE SOUZA - Boa noite a outros.

Não vou falar tudo aqui, pois apresentamos um documento, está protocolado lá, os senhores vão ter acesso a tudo o que precisamos.

Quero dizer que aproximadamente 5 mil moradores trabalharam durante 50 anos para construir o Residencial Parque Continental. (Palmas) Estas pessoas escolheram esse lugar por ser um canto da cidade que não é passagem para outro bairro. Elas queriam - e

continuam querendo - o lugar que seja calmo e tranquilo para viverem com paz e tranquilidade, para que seus filhos e netos possam ter de opções de convivência e lazer dentro do próprio bairro.

Dentro do nosso bairro, já existe uma área comercial completa. O Continental Shopping Center, o Extra Supermercados, a Padaria Pão do Parque, comércios pequenos e todos os segmentos. Ninguém precisa sair do bairro. Áreas de lazer, muitas praças: o Continental Parque Clube, bem no meio do residencial; academias, bares e restaurante. Há uma escola estadual, uma Companhia da Polícia Militar. Ou seja, o bairro está pronto.

Em um raio de aproximadamente 2km do nosso bairro, há mais duas faculdades, várias escolas, cinco *shoppings*, três supermercados e uma grande rede de pequenos comércios.

Nossos vizinhos de Osasco, Jaguaré, Presidente Altino e Vila São Francisco também usufruem disso tudo; pessoas de vários bairros vêm passear e fazer caminhadas pelo nosso bairro nos finais de semana.

A Prefeitura não tem o direito de mudar isso. Ela não pode modificar os limites do nosso bairro. (Palmas) ela não pode modificar os limites do nosso bairro, mudando o zoneamento de algumas casas, de ZER 1 para ZM. Ela não pode transformar muitas residências, criando um corredor comercial totalmente desnecessário. (Palmas)

Não somos contra pessoas, mas o nosso bairro não suporta mais adensamento populacional para a criação de ZEIS. Toda a infraestrutura - esgoto, escolas, rede viária, hospital etc. - já está além do seu limite.

A Prefeitura de São Paulo deveria estar preservando o nosso bairro. Os pioneiros que ajudaram a construir o nosso bairro não têm mais uma vez mais condições de começar de novo em outro lugar.

Até o presente momento, a Prefeitura se mostrou insensível a isso tudo. Nós ainda acreditamos os nossos Vereadores. (Palmas) Por favor, Srs., não permitam a degradação e

consequente destruição do nosso pequeno paraíso. Não permitam que o caos e a violência que existem em muitos locais da nossa querida cidade de São Paulo sejam instalados no Residencial Parque Continental.

Meu nome é Wellington, sou Presidente do Cescon - Centro Esportivo Continental.

Muito obrigado. E quem gostou faz barulho aí, ehhhh! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Muito obrigado.

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Marco Antonio, só quero registrar a presença dos Srs. Fábio Riva dos Santos, Assessor Jurídico do Deputado Estadual Marcos Zerbini.

- Conversas fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Marco Antonio de Vasconcelos, por favor.

O SR. MARCO ANTONIO DE VASCONCELOS - Boa noite a todos.

Mais uma vez, estamos aqui reunidos, perdendo, às vezes, tempo, mas, muitas vezes, extremamente preocupados com o presente e com o futuro que vai acontecer e, muitas vezes, a gente acaba sendo surpreendido, quando ouvimos falar em preservação cultural.

Outro dia, estava andando - fazia um tempinho que não ia pela Avenida Paulista - e vi ali, na esquina da Pamplona com a própria Avenida Paulista, um grande *shopping*, mais um prédio alto para aumentar o aquecimento.

Hoje, no jornal *Estadão*, vejo também que temos agora prédios de 130 metros. Agora estamos importando, antes a gente importava corretor uruguaio, agora chamamos desenhista italiano. Está ficando difícil, hein? Pois bem. Eu moro numa região ali no Jardim Vera Cruz, que é um lugar pacato. Tem todas as infraestruturas, mas é um local de ruas estreitas.

Então, não se tem como, nem pela lógica ou pelo bom senso, apelamos para que não se faça uma modificação de cima para baixo. Pedimos para que sejam justamente

preservadas a situação cultural e a dos moradores, porque as ruas, sendo muito pequenas, como é que vai se construir um prédio sem limite de altura? Até para o próprio conforto dos que virão.

Existe também essa questão da falta de água e sabemos que enfrentaremos uma luta dura. Isso não vai depender de partido político, ou seja, todos passarão por dificuldades. Então, precisamos procurar atingir certo progresso, mas sem matar os habitantes. Chegará um dia em que teremos carnês de IPTU emitidos, mas os pagantes, os contribuintes, já estarão mortos e não conseguirão chegar ao banco para pagar as suas mensalidades.

Então, para que não cheguemos nesse extremo é necessário bom senso. Algum progresso? Sim. Sabemos que as coisas mudam, mas é preciso usar o estudo, o impacto ambiental, porque muitas vezes, se as etapas anteriores tivessem sido feitas, esses planos, essas leis, poderiam até ser aprovadas mais rapidamente e com menos desgaste, tanto para o lado dos consumidores e da população, como também para o lado de quem pensa em planejar.

Realmente chamar o Plano Diretor de plano estratégico é um pouco de presunção. Mas isso é opinião minha. Muito obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Claudio Burattini, da Sarpac - Sociedade Amigos do Residencial Parque Continental e, em seguida, a Sra. Antonia de Fátima.

O SR. CLAUDIO BURATTINI – Boa noite a todos.

O Parque Continental está na zona Oeste da cidade de São Paulo, divisa com a cidade de Osasco. Nasceu como um bairro exclusivamente residencial e assim deseja permanecer.

Defendemos que o Parque Continental permaneça como está e sua regra de ocupação retorne à definição da legislação anterior. Convidamos os Srs. Vereadores a visitarem o nosso bairro e entenderem as razões de nossa fragilidade e porque não devemos

ser descaracterizados e nem desmembrados. É importante que vejam o que tem sido feito no entorno e porque acreditamos que a nossa lei contribui para desorganizar e precarizar ainda mais a nossa Cidade.

Lembro que essa lei já nasceu errada, pois saiu do gabinete para alcançar toda a parte da Cidade. Democraticamente, deveria ter sido o contrário, começar da parte até consolidar no todo. Para isso servem os planos de bairro.

Gostaria de salientar alguns aspectos adicionais de grande importância. O Parque Continental fica localizado na divisa com a cidade de São Paulo; e a cidade de Osasco sofre um adensamento importante. Esse adensamento desemboca no entorno do nosso bairro.

A maior parte do nosso bairro é formada por ruas estreitas e muitas dessas sem saída. O asfalto é antigo e de baixa qualidade e apresenta deficiência, mesmo para o fluxo atual de veículos.

Não há sistema de drenagem fluvial em rede de esgotos adequada. Em eventos de chuva extrema ocorre inclusive o seu transbordamento.

O entorno do nosso bairro é servido basicamente pela Avenida Corifeu de Azevedo Marques, Avenida Escola Politécnica, Avenida Jaguaré. Boa parte do fluxo dessas vias vinha a transpor o Rio Pinheiros, pela Ponte do Jaguaré. São vias com mais de 20 anos, sem que sofresse nenhum tipo de aperfeiçoamento ou ampliação.

Além disso, parte dessas vias foi ocupada caoticamente de uma patrocinada pela Prefeitura. Ou seja, onde circulava ônibus, agora ele tem de se encolher por uma ciclofaixa que ninguém usa. (Palmas)

Todos esses eixos sofreram um adensamento no seu entorno e hoje todos já sofrem para se mover. Além disso, nos últimos 20 anos, a Prefeitura não nos entregou absolutamente nada: não nos entregou postos de saúde, não nos entregou escola, não nos entregou creches, não nos entregou biblioteca, não nos entregou avenidas novas, viadutos, absolutamente nada. E, agora, deseja descaracterizar o nosso bairro e, mesmo assim, pretende provocar o novo

adensamento da região. Se hoje não se atende nem quem já está lá, como que se vão atender esses novos moradores? (Palmas)

Embora o processo tenha sido democrático, nós não vemos dessa forma. Estivemos nas audiências da Prefeitura e não tivemos os nossos pleitos nem analisados. Gostaria que a Câmara, agora, reformasse a postura dessa Prefeitura. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) - Muito obrigado.

Fátima Ramos, moradora da região, do Movimento contra o Lixão da Vila Jaguara. Em seguida, vai ser o Rodrigo Mauro, da Viva Pacaembu por São Paulo.

A SRA. FÁTIMA RAMOS - Boa noite a todos.

Na verdade, estou nesse movimento contra o transbordo, mas estou aqui também como moradora. Não pertenço, infelizmente a nossa Vila Jaguara não tem, neste momento, uma associação, mas tem moradores que lutam sim e estou aqui para representá-los, está bem? (Palmas)

A Vila Jaguara existe. É isso que a gente quer mostrar aqui. Temos famílias lá. E, quando se falar êxodo, quando se fala em migração, a causa disso não é discutida? E, houve sim um sucateamento, nos ilharam na Vila Jaguara e existem famílias que lá estão lutando para que essas famílias preservem a sua história.

Só queremos pontuar alguns dados aqui que me colocaram a respeito desse plano, vamos dizer assim, que queremos um Plano de Bairro. À medida que a gente sentar para discutir o próprio bairro e realmente levarmos nossas preocupações, com certeza os senhores poderão votar com mais tranquilidade do que atrás de uma mesa discutindo isso. (Palmas) Nós queremos que haja um plano, que possa haver um plano em que eu sei a goteira que tem na minha casa. Nós sabemos a goteira. Vamos trabalhar juntos para que essa goteira seja sanada? Sim. Mas vamos ouvir a população e vamos ouvir a Vila Jaguara sim, porque ela existe. (Palmas) Ela está no mapa e tem família.

Quando se fala em querer uma zona de corredor, eu quero que vejam lá. Vão à Rua

Antônio Ayrosa, ali na Vila dos Remédios, vão à Avenida Mutinga, na região pertencente à Lapa, da Vila dos Remédios e vejam lá: será que realmente há um estudo para que isso ocorra? Há um estudo atrás de uma cadeira. Nós queremos um estudo que vá lá ver as ruas estreitas, em que temos um estacionamento de caminhões e de carros na Rua Agrestina, na Rua Santa Francisca, Cachoeira do Sul - de Vila Jaguara. Temos tudo isso pontuado, até, depois, para entregarmos, para percebermos que não há um plano, não há um estudo. Cadê o estudo feito, vamos dizer assim, que a Secretaria Especial de licenciamento, sem conhecer o local, coloca lá, põe lá, de uma determinada maneira. Não importa a metragem, não importa. Passou por um estudo pela Subprefeitura, por nós? Passou, sim, por um plano de mobilidade? Vá lá ver como fica a Anhanguera, vá perceber como fica a Marginal direita do Tietê. E nós estamos na Vila Jaguara, nós existimos, gente! Nós existimos e queremos ser ouvidos. Vá perceber os galpões foram construídos aleatoriamente - e não estou falando apenas, tenho como provar: aleatoriamente os galpões foram construídos e temos lá, numa região onde há uma série de galpões, 15 a 16 que estão sem alugar e sem vender, por uma especulação que houve, as famílias foram embora. Essa foi a grande causa. Nós ficamos acuados.

Espero que, agora, com esse novo plano, que não seja feito apenas votado por vocês, pelos senhores - me desculpem -, mas que possam realmente nos escutar. E estou aqui para dizer: vocês vão nos escutar, por favor, porque nós vamos cobrar isso. Não queremos, sim, que tudo aquilo que dissemos - nós vivemos lá... (Palmas) Nós sabemos o que nós vivemos - se olhe com respeito para território.

Não estou falando de uma história - desculpe - escrita, estou falando de uma história feita, realizada pelos moradores da Vila Jaguara e do entorno. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) - Muito bem.

Rodrigo Mauro, Viva Pacaembu por São Paulo. Depois, Beatriz Torre.

Quem estiver representando entidades, associações e quiser que seja citado, por favor, pode se dirigir ali à Secretaria, dar o nome, que citaremos aqui.

O SR. RODRIGO MAURO - Primeiro lugar, boa noite aos membros da Mesa, em especial aos Vereadores Gilson Barreto e Paulo Frange e ao Subprefeito da Lapa, José Queija, e a todos os membros presentes hoje.

Bem, sou Rodrigo, sou o Presidente da Viva Pacaembu por São Paulo. Nós protocolamos um documento feito com muito carinho, com todos os moradores no bairro do Pacaembu. Foram 30 moradores, nos reunimos e desenvolvemos um projeto, com um ofício que protocolamos na Câmara.

Gostaria, primeiramente que os senhores lesem esse documento, que ele é feito com carinho por pessoas que moram no bairro, pessoas que conhecem o bairro do Pacaembu, com muito cuidado.

Bem, basicamente, no documento, a gente pede para que o nosso bairro do Pacaembu fique dividido em três zonas: ZER, obviamente, zona estritamente residencial; uma Zcor 1 com restrições papeleta e o uma da ZPR - Zona Predominantemente Residencial. Basicamente, estas três zonas.

Em especial, quero citar a José de Freitas Guimarães, que é uma rua que especificamente as pessoas estão criando para um lote específico, transformá-la em Zeu. Ela é uma rua de 300, 400 metros, e um lote específico se transformado em Zeu. É algo incoerente, é pontual, não dá. Tem de pensar no bairro, não na pessoa, não num imóvel específico.

Segundo caso, Zcor 1 para a Avenida Pacaembu. Na verdade, todos os corredores no bairro do Pacaembu ficarem Zcor 1, em especial a Avenida Pacaembu, que seja um Zcor 1 com o acordo de convivência que foi feita no ano de 2004, 11 anos atrás, entre os moradores do bairro, a Associação Viva Pacaembu, a Prefeitura de São Paulo e os comerciantes da região. Então basicamente é isso.

Outra coisa: é importante criar as zonas de transição, das zonas mistas para os bairros residenciais. (Palmas) A zona de transição está prevista na Lei 16.050, do ano passado, de 2014, no Plano Diretor Estratégico da cidade de São Paulo. Segundo, é

importante criar os Planos de Bairro, gente. (Palmas) Nós contratamos a arquiteta urbanista Regina Monteiro, ela está desenvolvendo nosso Plano de Bairro há um ano e um mês e, em breve, teremos já a minuta do projeto de lei. É importante o bairro do Pacaembu ficar para a Cidade, até para atenuar as áreas de calor que existem em São Paulo. (Palmas) É essa a importância dos bairros ZER, dos bairros estritamente residenciais para a cidade de São Paulo. (Palmas)

As autoridades devem entender: nós somos apenas 3, 4% do território metropolitano. Essa é a importância para que os bairros ZER continuem a existir.

Mais uma vez, muito obrigado à Mesa, muito obrigado aos presentes. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) - Eu que agradeço.

Beatriz Torres, Conselho Participativo Municipal de Pinheiros; em seguida, Márcia Furtado Leite.

A SRA. BEATRIZ TORRES - Boa noite. Boa-noite, Mesa.

Bem, vim falar aqui da Zeu, a Zeu que pega a Vila Madalena, Vila Anglo, Jardim Vera Cruz e Sumaré. É o seguinte: essa parte está localizada no espigão de São Paulo, é a parte mais alta da Cidade. Então temos ali os lençóis freáticos, temos as declividades para as partes baixas da Cidade e isso tudo precisa ser olhado.

Não é possível que hoje, com tudo o que estamos vivendo no planeta, não se olhe para o meio ambiente. Não é possível. Com a falta de água que nós estamos caminhando para um caos que não se olhe para isso tudo num planejamento da Cidade.

Bom, vou falar também um pouco da infraestrutura. A Heitor Penteado não comporta mais o trânsito que escoar para todas as ruas que saem dali. Não é possível. E não tem bicicleta, porque estamos falando de um bairro que tem muitos idosos, quem vai sair pedalando de bicicleta?

E vocês, por favor, olhem para isso. Vocês têm uma responsabilidade enorme. A maior responsabilidade que já tiveram - como já foi dito - é o planejamento da Cidade por 20

anos. Não serão precisos cinco para haver uma destruição total com esse novo planejamento. Ouçam o que estou falando. Os terrenos estão todos comprados nas partes nobres da Cidade, nessa ZEU. Tenho visto várias audiências públicas e muita gente reclamando. Muitos apontamentos nesse sentido, falta de infraestrutura e que não comporta.

Ontem, estava numa audiência na Sub de Pinheiros e eles falaram o seguinte: não podemos mais ter festas, eventos, porque recebemos 70 mil pessoas na Copa, no Carnaval, na Feira da Vila e lá, a parte de segurança falou: não comportamos, não podemos segurar a população toda que vem para cá. Se não pode por que fazer. Quem não tem competência não se estabelece.

Então não pode implantar na Cidade coisas que não têm como comportar. Esse número de pessoas e tráfego que virão não tem possibilidade. O Metrô foi construído e já supriu a quantidade de usuários. Quem pega o Metrô da Vila Madalena que antes era vazio, agora sabe que o Metrô vem cheio.

Então, por favor, olhem para isso tudo. Olhem para nossa Cidade. A responsabilidade é enorme. Espero que sejam ouvidos os conselheiros que sabem muito sobre os seus bairros.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Para isso estamos aqui.

Tem a palavra a Sra. Márcia Furtado Leite, do Movimento Amigos de Vila Anglo e Jardim Vera Cruz.

A SRA. MÁRCIA FURTADO LEITE – Boa noite à Mesa e a todos, só vim aqui para pedir uma coisa, para que se faça esse bendito plano de bairro. Deveria começar por aí. A internet está aí para nos ajudar e não conseguimos fazer. Não fomos informados com tanta rapidez como está sendo feito esse plano diretor.

É só isso. Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Registro a presença dos Srs. Zeno Alves,

Presidente do Conselho de Sociedades de Amigos da Região da Lapa, Consabs; Paulo Garcia, Presidente da Sociedade de Futebol Botafogo Vila Leopoldina; José Trindade Celis, Vice-Presidente do Conseg Lapa.

Tem a palavra a Sra. Isabela Siuffi.

A SRA. ISABELA SIUFFI – Boa noite, vim falar com a minha humildade, minha simples ignorância porque só tenho 18 anos e quero uma Cidade melhor. Quero a preservação dos bairros.

Aonde vamos criar nossos filhos, as próximas gerações. Aonde teremos a qualidade de vida. Simplesmente dói meu coração por ver a destruição das árvores, tudo. Nosso bairro tem nascentes e como vamos construir prédios gigantescos em cima delas. Meu coração corta.

Não tenho nada mais para falar. Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. César Augusto Tioffi, morador do Sumaré.

O SR. CÉSAR AUGUSTO TIOSSI - Boa noite, senhores, Vereadores, vim dizer do meu ceticismo com relação à palavra participação. Eles consideram, por exemplo, bolos, MST, aqueles caras que roubam a terra dos outros como movimentos sociais. Não consideram Associações de bairro, moradores da Cidade como parte da sociedade, como valendo essa sociedade.

Nós moramos aqui. Vemos essa Cidade sendo construída para o homem novo, para aquele cara que não existe. Esse Prefeito fez e pensa essa Cidade para o homem novo, para aquele cara que não mora aqui, aquele cara que não anda na ciclovia, que não faz nada. Nós moramos nesta Cidade, vivemos aqui, temos uma história aqui. Há bairros com muito mais árvores do que certos parques. Há muitas regiões cheias de natureza, habilidades e pessoas. Essas pessoas são todas ignoradas. Ninguém liga para quem mora no Sumaré e nos outros bairros que têm árvores, porque isso é coisa de rico. Eles consideram que não somos

favelados, então não merecemos.

O único objetivo com o qual o Prefeito olha para esses bairros que estão sendo destruídos é o imposto. Eles não consideram que somos gente, que moramos nesses bairros, colaboramos fortemente contra as ilhas de calor, preservamos a cultura desta Cidade. Eles não ligam para isso. Tenho um ceticismo enorme com relação a essa Prefeitura e a esse movimento porque disse essa senhora que foi feito algo participativo. Participativo de quem? Quem participou disso? Quem ficou sabendo e quem está participando agora?

Ficamos sabendo vindo aqui falar um pouquinho, tendo que se organizar por conta própria quando a Prefeitura só escuta bolos. Só escuta esses caras que invadem terras, como querem fazer no Parque dos Búfalos, não é da minha região, mas é um fim de mananciais. Quando quer fazer da Av. Sumaré um corredor de ônibus, a gente teve de se matar para evitar que derrubassem as árvores. Quando quer acabar com a região da Alfonso Bovero, da Pompeia, acabando com toda a natureza e construindo prédios lá.

Que diabo de cidade eles querem? Cidade de robôs. Somos seres humanos, precisamos de verde e a gente preserva esta Cidade. Essa é uma coisa que temos de entender, não adianta morar numa cidade aonde a fantasia e o megalomaníaco de um Prefeito acha que quem mora aqui não presta, tem de vir de fora para tomar conta dela. Não. Moramos aqui. Temos o direito de sermos considerados como grupos sociais. Cada sociedade de bairro é um movimento social que deve ser respeitado e entendido como tal. E não aquele cara que vai numa área, toma conta dela, destrói a mata atlântica da Cantareira e faz uma favela lá em cima. Que diabo de cidade é essa gente, como pode?

Vão dizer que sou elitista ou qualquer outra coisa. Digam o que quiserem, o problema é que a nossa Cidade tem uma crise ambiental gigantesca, não comporta adensamento populacional de nenhuma condição e estamos perdendo a nossa Cidade.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Registro a presença da Sra. Cléria

Aparecida Cordeiro Jardim, Presidente do Instituto de Ação Comunitária.

Tem a palavra o Sr. Waldir Calvilla, do Movimento Amigos de Vila Anglo e Jardim Vera Cruz.

O SR. WALDIR CALVILLA – Boa noite a todos e todas, à Mesa, agora há pouco falou a minha companheira de bairro, minha amiga Isabela, com seus 18 anos. E agora vai falar talvez o decano com 74, mas acho que o impacto dela é maior que o meu.

Hoje estava pensando o que poderia falar, pelo menos para mostrar mais um representante do MAVA, do Jardim Vera Cruz, da Vila Anglo, e me ocorreu passar a palavra, pelo menos para começar, para um poeta e espero ter tempo depois para fazer a comparação: “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá/As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá/Nosso céu tem mais estrelas/ Nossas várzeas têm mais flores/Nossas flores têm mais vida/Nossa vida mais amores/Em cismar sozinho à noite mais prazer encontro eu lá/Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”.

Há mais duas estrofes, mas quero dizer que há uma paráfrase aqui: minha terra é ali, a Vila Anglo, é o Jardim Vera Cruz. E lá tem sabiá. Acordo de manhã ouvindo o sabiá, ouvindo o bem-te-vi, as barulhentas maritacas, etc. Temos uma pequena praça que estamos procurando conservar cada vez mais onde tem João-de-barro.

Então espero continuar tendo. Espero sempre poder voltar para lá. E como disse a Isabela, a geração dela e os filhos dela têm de encontrar isso. Como já disse alguém o progresso é importante, só que o progresso às vezes destrói e não se preocupa em conservar. Acho que a nossa ideia é conservar, quando verticalizar é destruir sou a favor de horizontalizar.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Paulo Rogério Moratore, da entidade Querência.

O SR. PAULO ROGÉRIO MORATORE – Boa noite a todos, à Mesa, aos Vereadores, meu objetivo aqui é só um pequeno pedaço da Av. Sumaré, que hoje é toda

comercial e há um pequeno trecho – entre a Rua Atalaia e a Rua Professor João Arruda, que não é zona comercial.

A Av. Sumaré é articulada com outras vias em toda a sua extensão. É um importante eixo de conexão viária e urbana entre a Marginal do Rio Tietê e a Marginal do Rio Pinheiros. E na escala do bairro é alternativa para aqueles que deslocam entre o bairro Pompeia, Vila Romana e Perdizes, assim como com o Pacaembu e Barra Funda. Faz a conexão entre importantes equipamentos urbanos como o Estádio do Palmeiras, Sesc Pompeia, shoppings e etc. Uma verdadeira centralidade urbana.

Apesar desse caráter de centralidade urbana, atualmente, o trecho referido da avenida entre a Rua Atalaia e Rua Professor João Arruda, está marcado pela subutilização de imóveis devido à inexistência de um zoneamento que dialogue com essa dinâmica urbana. Na prática, o zoneamento vigente desde 2004 congelou algumas quadras da Av. Sumaré. Hoje o trecho referido é marcado por imóveis abandonados, vazios, problema que poderia ser evitado caso houvesse um zoneamento que permitisse a instalação de atividades mais compatíveis com a vocação desse eixo de centralidade urbana.

Nossa defesa, portanto, consiste não nos parâmetros de ocupação. Não estamos querendo criar lá edifícios, nada disso, mas a permissão de uma gama maior de atividades e usos do solo dialogando com o eixo deslocamento que a avenida como um todo representa, permitindo o interesse comercial dos imóveis. E evitando assim a ociosidade dos mesmos que é tão danosa para o bairro.

Como conclusão, aprovar a demarcação da Av. Sumaré em seu trecho entre a Rua Atalaia e a Rua Professor João Arruda, como Zona Corredor tipo 3. Além disso, é preciso reforçar que os usos permitidos não comprometem a qualidade urbanística dos bairros adjacentes, já que o grau de incomunidade(?) ao uso residencial das atividades autorizadas é baixo, caracterizando usos complementares ao residencial e não incômodos.

Em relação à paisagem urbana e adensamento construtivo, alteração de ZCLz para

ZCor tão pouco representa impacto ambiental, visto que os parâmetros de ocupação são mantidos idênticos ou pouco alterados.

A Av. Sumaré é toda comercial e tem um trecho pequeno que não é. Estamos pedindo que tenha todo esse trecho ZCor 3.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra a Sra. Selma de Souza, da Umopi.

A SRA. SELMA DE SOUZA – Boa noite a todos, à Mesa, hoje venho falar sobre a necessidade de moradias populares para atendimento de pessoas que já residiram ou ainda residem na região, mas que saíram por causa da especulação imobiliária, porque venderam os imóveis que herdaram, pois tinham de ser partilhados. Essas pessoas não têm condições de adquirir novos imóveis. E aqueles que ainda estão aqui e pagam aluguel, mas o aluguel é absurdo e não permite que essas pessoas tenham uma boa condição de vida, não há qualidade com isso.

Estamos falando dessas pessoas que são filhos da terra, que nasceram nos bairros Vila Madalena, Pinheiros e Lapa, que têm suas origens, suas histórias e também seus trabalhos. Muitos que nasceram, cresceram, trabalham e não têm poder aquisitivo para continuar residindo aqui.

A preocupação maior do Umopi não está só na moradia, porque essas pessoas que têm a questão da casa própria como o maior sonho, têm também outra questão: temos de levar em consideração que as pessoas levam cerca de duas horas – essa é uma média, uma pesquisa descrita no G1 da Globo, TV Cultura e portais da USP e faz parte dos estudos de mobilidade urbana - para ir ao trabalho e o mesmo tempo voltando. Somando isso às nove horas de trabalho, sobram cerca de 10 horas para preparar refeições, cuidar dos filhos, arrumar a casa, para elaborar toda a vida. Pensando que uma pessoa precisa de, no mínimo, oito horas de sono por dia.

Vamos seguir em frente, depois disso temos o transporte é precário quando pensamos que as pessoas que residem em moradias populares vêm de Carapicuíba, uma distância que as obrigam a saírem às 4h de casa. Quem vem da Cidade Tiradentes leva quase quatro horas para chegar aqui. Só aí já dobramos o tempo de percurso.

Os senhores hoje têm nas mãos a ferramenta que pode mudar tudo. Pode dar a essas pessoas qualidade de vida, que são as ZEIS, Zona Especial de Interesse Social. Trará a muitos a tão desejada dignidade, qualidade de vida e se levarmos em consideração o sucesso do projeto realizado pelo BNH, que aliou financiamento popular com uma arquitetura compatível com a região, os senhores poderão satisfazer a muitos com apenas um bom projeto aprovado.

Lembrando que ainda não levamos em consideração a questão da Saúde e Educação Infantil, pois os pequenos também são submetidos a este verdadeiro suplício, custando-lhes por muitas vezes estresse, desnutrição, baixo rendimento escolar e o principal: um parco convívio familiar privando-os do que lhes trará estofo para uma vida futura.

Então pensemos que a moradia popular traz qualidade de vida, forma indivíduos competentes, capazes, saudáveis e não priva as pessoas que moram nas regiões como nós de uma arquitetura positiva, bonita, de um urbanismo desejado. Podemos ter como temos o BNH.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Registro a presença do Srs. Humberto de Campos, Presidente da Associação Vila Leopoldina e Jairo Glikson, Presidente do Conseg Vila Leopoldina.

Tem a palavra a Sra. Lucy Santos Vilas Boas, da MAVA.

A SRA. LUCY SANTOS VILAS BOAS – Boa noite a todos. Como os amigos que me antecederam também sou da Vila Anglo. Nosso bairro é 98% horizontalizado. É um bairro pequeno com mais ou menos 90 anos de vida e seus moradores residem lá, em média, há 30 anos.

É um bairro pequeno que não comporta uma ZEU. Estamos pedindo que esse plano seja revisto. Ouvi hoje aqui da primeira oradora que o PDE foi, que está sendo estudado do mesmo jeito que foi enviado do Executivo, que ele seja revisto e que essa zona – como disse a Beatriz, todo pessoal nosso da Vila Madalena e do Sumarezinho – não comporta. A Heitor Penteado realmente não dá para andar mais, é muito difícil. Peço aos senhores que revejam essa ZEU.

Lembrando Sobral Pinto, fecho minha fala dizendo: todo poder emana do povo e em seu nome será exercido. Quando estiverem votando, lembrem-se disso!

Muito obrigada.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra Maria Ismeria Nogueira Santos, Movimento Amigos de Vila Anglo e Jardim Vera Cruz.

A SRA. MARIA ISMERIA NOGUEIRA SANTOS – Boa noite. Quero fazer um rápido exercício com vocês. Por favor, olhem para o umbigo de vocês, rapidinho, deem uma olhadinha para baixo. (Pausa) Olharam? Agora, olha para cima, para os lados, para a direita, para a esquerda. Então, a minha fala começa assim: o meu umbigo, no meu caso, é a Vila Anglo e o Jardim Vera Cruz. Olhando para cima é para São Paulo, para o Brasil, para o mundo, para América do Sul, América do Norte, Europa, para toda a desgraça que há no mundo todo.

Com esse raciocínio começo a minha fala. O bairro que nós moramos, a Vila Anglo, é consolidado porque lá estamos há 90 anos, a minha família está há mais de 40 anos. Temos tudo organizado: escola, igreja, família, cultura, memória, história, aniversário, morte, velório, tudo organizadinho. De repente, há nove meses, chega o PDE e eu me assustei. Comecei a estudar, a pensar, a falar com um e com outro, e conseguimos chegar perto da Vila Madalena e do Sumarezinho.

Chegamos a uma conclusão e quero reforçá-la. Falemos sobre Plano de Bairros, gente! O que é o Plano de Bairro? (Palmas) Plano de Bairro nada mais é do que a união da

comunidade pensando de maneira coletiva e inteligente para a construção do seu bairro. Uma pessoa não sabe tudo e uns não sabem nada, mas quando se reúnem há uma inteligência coletiva. Isso é um Plano de Bairro. E nós temos um exemplo em São Paulo, Perus, e foi feito pelo Professor Candido Malta. É só acessar.

Outra coisa importante é a *construbusiness*, pergunto: o que é *construbusiness*? Não sei muito bem, mas vou dizer bem rapidinho: quer dizer “negócios da construção”. É um megaprojeto, é internacional, é muito poderoso, poderosíssimo. Em São Paulo, tem a FIESP outros mais. E essa *construbusiness* está caindo em cima de nós! Essa história de perto do metrô, nada, nada! É pesquisa de mercado: aonde você quer morar? Perto do metrô. E você? Perto do metrô. E vieram com essa história toda, contaram para nós: perto de metrô... Perto de metrô é *construbusiness*, nada mais do que isso. (Palmas)

Viemos pedir o quê? Ao poder público que está aqui, e eu sempre digo, é falar o seguinte: da última vez disse que governar era fazer o bem muito benfeito. Então não deixe o *construbusiness* nos devorar! Porque podem chegar e derrotar a gente. E não é essa história de vender a casa, ou não vou vender, não é por aí. Então que vocês nos protejam, que o poder público das três esferas – Executivo, Legislativo e Judiciário, e não só de uma esfera – nos protejam, enquanto cidadãos.

Mais uma coisa, nós somos mortais, o que ficam são as nossas obras, o nosso corpo fica em outro lugar.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Francisco Luiz Scagliusi.

O SR. FRANCISCO LUIZ SCAGLIUSI – Boa noite a todos. Sou arquiteto e urbanista. Estou desenvolvendo um plano específico para a ZEU da Vila Madalena, para um conjunto de cinco associações, todas aqui representadas. Vou ter de falar muito rápido porque é muito material pra pouco tempo.

Este aqui é o Plano apresentado pelo PL 272, que institui a ZEU da Estação do Metrô Vila Madalena. Essa é a envoltória da ZEU. Tudo pintado em vermelho está dentro da ZEU. Para poder analisar do impacto da ZEU sobre o bairro, começamos com uma pesquisa de uso e ocupação do solo, e o que está pintado de amarelo são os usos residenciais. O que está em laranja, são os serviços; vermelho é o comércio; e azul é o institucional. Ainda é um bairro residencial o eixo da Heitor Penteado e Avenida Pompéia.

Aqui há um mapa de verticalização. O que está em mais claro são casarios, o residencial, e sobrados de até dois ou três pavimentos; um pouco mais escuro, são de quatro a nove pavimentos. Aqui mostra a ocupação mais recente, quando foi limitado o gabarito das edificações. Depois são de 19 a 12 pavimentos; e por fim as edificações mais altas, estão em marrom. As manchas que vemos na cor fúcsia, roxo, são áreas compradas pelas construtoras e incorporadoras para fazer novos empreendimentos. Nitidamente, está havendo uma mudança de estratégia do capital imobiliário, das incorporadoras, que não mais fazem incorporação em dois ou três lotes, mas compram 10, 15, 20 lotes, arrasam a terra para a construção de grandes edifícios.

Por fim, há um mapa das declividades, onde conseguimos visualizar classes de declividades que indicam as situações mais críticas do território. Do lado da Vila Madalena há declividades de 65% quando a lei permite 30% de implantação de empreendimentos ou parcelamento nessas regiões.

Essa vai ser uma proposta que, quando concluída, futuramente, vai ser apresentada aos Srs. Vereadores.

Estes aqui são os critérios que nós achamos tem de ser discutidos para que seja feita a alteração nos limites da ZEU, critérios de natureza geomorfológica de alta declividade, a topografia associada ao local. O arruamento está completamente irregular, não comporta tráfego, está totalmente entupido; quadras em que há vilas residenciais; ruas sem saída; e de uso exclusivamente residencial. E praças e áreas públicas, que foram englobadas pela ZEU e

têm de ser extraídas desse perímetro. Esse é o caso da Escola Maximiliano.

Vou falar rapidamente do mapa geral das ZEIs da Vila Leopoldina. A primeira é uma área na Avenida Mofarrej com 10 mil m², está desocupada, ZEIs - 3, que serve para Habitação de Interesse Social. Há outra área na Vila Leopoldina, a antiga garagem da CMTC com 30 mil m², área pública, Srs. Vereadores, ela pode ser utilizada de imediato para produção de habitação social. (Palmas)

Outra área na Rua Baumann, é mais uma ZEIs desocupada, é um terreno plano com 8.500 m², que pode ser destinado a atender à população. (Palmas) Outra ZEIs com 23 mil m² encaixados no CEASA, que se presta à produção de habitação de interesse social. (Palmas) Perdão, ZEIs – 1, uma favelinha que vai ter de ser atendida por essas habitações. Outra ZEIs – 1 com quatro mil m² que vai ter de ser atendida.

Aqui é uma foto aérea. No centro da foto é a região do CEAGESP e pintadas nas cores correspondentes as ZEIs, é a garagem da CMTC; a ZEIs – 5 com 23 mil m² mais 30 mil m², mais 8,5 mil m², mais 10 mil m².

São 60, 70 mil m² de ZEIs para produção da Habitação de Interesse Social e é isso que tem de ser feito nessa região!

Obrigado!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Jairo Glikson.

O SR. JAIRO GLIKSON – Boa noite, senhoras e senhores. Cumprimento a Mesa na pessoa do relator Dr. Paulo Frange, demais presentes, meus amigos.

Tenho percebido nas últimas reuniões – e vou falar especificamente sobre a City Lapa – uma polarização de posições no seguinte sentido: zona corredor e zona estritamente residencial.

Ocorre que nós da Associação Amo City e da ASSAMPALBA – Associação de Amigos e Moradores pela Preservação do Alto da Lapa e Bela Aliança, nós duas estão atuando

nessa região, e vamos inovar. Conseguimos uma alternativa porque é possível ter a Zona Estritamente Residencial e junto uma Zona Corredor – 1. Esse é o nosso pedido de hoje. Basicamente, com o mapa ficaria mais fácil, mas eu falarei por aqui.

Chegamos à conclusão de que há ruas que cortam nosso bairro ao meio: Brigadeiro Gavião Peixoto, Monte Paschoal, Barão de Jundiá e também a Pio XI. As três primeiras estão tomadas pelo comércio, ninguém vai morar lá, não há condições. São ruas caracterizadas pelo comércio. Não queremos essas ruas, não há interesse, mas queremos sim que essas ruas sejam ruas corredor. Nosso interesse é proteger ZCor – 1.

Pessoal, está aqui agora a proposta de zoneamento para a City Lapa. Poderão perceber as zonas corredor: ZCor-1 e ZCor-2. Diferentemente do que foi falado, significa uma perda de Zona Estritamente Residencial de mais de 20%, e vou explicar. As Zonas Corredores estão dobradas para dentro do bairro. Percebam que estão dentro da Zona Residencial, mas inovamos porque queremos mais Zonas Corredores. Vamos usar a Zona Corredor como área de amortecimento, área de transição, de proteção para todo bairro. (Palmas)

Esta é a proposta da Amo City e da ASSAMPALBA. Se perceberem, estamos pedindo muito mais Zonas Corredores. Esse pedaço, que está dominado por clínicas, por órgãos, que já estão instalados, nós entendemos que pode ser Zona Corredor. Para a Pio XI – diferente do mapa anterior – pedimos Zona Corredor para toda sua extensão, nos dois lados da via.

A vantagem é que nós, que defendemos a Zona Residencial, conseguimos proteger o bairro. E os interessados, os que querem a Zona Corredor têm a possibilidade de criar os seus comércios. Então é uma posição que agrada os dois lados.

Essa é a nossa proposta, vamos apresentá-la aos Vereadores e peço apoio do pessoal da City Lapa porque nós, moradores da Lapa, podemos inovar. A proposta é nova e atende os dois lados.

Obrigado a todos.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Registro a presença do nobre Vereador Police Neto.

Tem a palavra a Sra. Ana Silvia Mika.

A SRA. ANA SILVIA MIKA – Boa noite, Srs. Vereadores. Falo pelo Parque Continental, bairro em que nasci e cresci. É considerado um bairro arborizado porque foi desenhado, foi planejado urbanisticamente na década de 70.

Tenho uma foto da rua em que minha mãe mora, da rua em que nasci. Ela fica na frente de um campo de futebol, é uma área protegida, é zona verde, e há um clube. O Plano Diretor quer transformar essa rua, esse oásis, talvez dos últimos lugares agradáveis em São Paulo para morar e frequentar nos finais de semana, em ZCor – 1, e nós não concordamos.

Aqui há calçadas largas, árvores, pássaros, há sabiás e bem-te-vis. Não precisamos destruir essa zona verde, devemos ser referência para a periferia e para outros pontos da cidade, e não ser destruída e virar zona comercial! (Palmas)

Agradeço a presença de todos e a chance de poder exercer a minha cidadania, defender o meu bairro, e falo em nome de todas as pessoas que querem defender seu bairro como zona verde, como um respiro nesta floresta de concreto em que a cidade de São Paulo se transformou, crescendo sem qualquer planejamento para os humanos, apenas atendendo os automóveis!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Ricardo Nogueira de Moraes morador da região do Sumaré.

O SR. RICARDO NOGUEIRA DE MORAES – Boa noite a todos, boa noite Vereadores, colegas.

Sou arquiteto e, há muitos anos, morador do bairro de Sumaré. Estou aqui para defender a Avenida Dr. Arnaldo da nova Lei do Zoneamento, que pretende descaracterizá-la

ameaçando o bairro residencial Sumaré inteiramente, que é dos únicos bairros verdes da cidade de São Paulo, além do Continental, Pacaembu, Vila Anglo, citados pelos colegas que estão na mesma guerra. (Palmas)

Pretendo fazer a defesa de maneira um pouco heterodoxa a ver com a proposta do colega da City Lapa, contrapondo-a com outra avenida importante do bairro do Sumaré, a própria Avenida Sumaré, que julgo possuam características diferentes. A Avenida Sumaré é um fundo de vale e a Dr. Arnaldo é o topo da montanha. Não por acaso a Igreja Nossa Senhora de Fátima foi erigida nesse promontório.

A Avenida Sumaré é das principais artérias da cidade, não há como conter o seu tráfego, barulho e movimento, isso está estabelecido. A liberação de serviços e comércios não vai agravar ou desagravar tal condição. Aliás, acho que poderá ser benéfica. Por outro lado, muito diferente disso, seria alterar o uso da Avenida Dr. Arnaldo, que é erro grave. A capacidade de escoamento de veículos da Dr. Arnaldo atingiu seu limite. Hoje qualquer casamento ou pequeno evento na Igreja cria congestionamento intenso justamente no início da Dr. Arnaldo com Afonso Bovero em direção à Pompéia e vice-versa. A liberação para serviços, comércios ou usos que aumentam o tráfego no local só agravará essa situação. A Avenida Dr. Arnaldo no trecho Igreja/Afonso Bovero é, na verdade, uma rua de trânsito local, com pouco mais de 500 metros, muito pequeno. São 500 metros de extensão com apenas duas mãos e não foi dimensionada para ser uma via comercial ou para receber equipamentos urbanos com grande fluxo de pessoas e veículos. A Igreja, em si, esgota essa função.

Por outro lado, a Avenida Sumaré é uma via larga, apta a receber serviços e comércio. Os últimos 20 anos de zoneamento restritivo comprovaram o insucesso das restrições de uso. A falta de perspectiva comercial para os imóveis afugentou investimentos e a exemplo de outras avenidas de São Paulo, e tornou no trecho restritivo uma zona morta, desabitada ou com atividades irregulares. Muitas casas estão desocupadas ou são terrenos vazios. À noite, os imóveis ficam às escuras e sem vigilância. Tem-se a sensação de abandono

e insegurança e isso não é bom para o bairro.

Acho então compreensível a mudança de zoneamento no caso da Avenida Sumaré. No entanto, no caso da Dr. Arnaldo, acho incompreensível, inaceitável. A alteração do seu zoneamento não trará benefícios à cidade, muito menos aos moradores, que a rechaçam. Na verdade, a degradação do bairro do Sumaré e de outros bairros verdes com a sequencia dessa alteração será prejudicial à cidade. No mínimo, deixará São Paulo mais feia, e já passou da hora de considerarmos beleza como um valor irrelevante, que deve ser promovido pela administração pública e por nós.

Hoje, mais do que nunca, a escala humana das edificações com ruas pitorescas e bairros de muros baixos deveria ser perseguida com a mesma paixão das ciclovias. Não creio que nas inúmeras páginas sisudas do Plano Diretor da Cidade seja possível encontrar a palavra beleza como valor urbano a ser alcançado com argumento político social.

Não permitam que a máquina político-ideológico, a especulação imobiliária ou a lógica racionalista destruam a memória subjetiva da cidade encontrada nas inúmeras praças e casinhas de muro baixo do bairro do Sumaré. Elas são o exemplo de como se vivia antigamente, há 100 anos, quando nosso loteamento começou. Hoje, aqui e agora, nesta audiência pública está correndo o risco de morrer.

Lutar pelo bairro do Sumaré é um jeito de humanizar São Paulo.

Obrigado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Senhores, o Sr. Luiz Kencis Júnior pediu que sua fala fosse transferida para a próxima segunda-feira.

Tem a palavra a Sra. Angela Oliveira Campo da Associação dos Moradores e Amigos do Sumarezinho, Vila Madalena e região.

A SRA. ANGELA OLIVEIRA CAMPO – Boa noite a todos, boa noite banca.

Represento a Associação Amadá – Associação do Sumarezinho, Vila Madalena e

região, que é atendida pela Subprefeitura de Pinheiros. Então o que estou fazendo aqui esta noite? Venho falar de uma questão comum, da ZEU – Zona de Estruturação Urbana, que foi proposta para grande área da nossa região e é uma questão comum aos bairros de rebatimento, diretamente espelhados na margem Norte da Heitor Penteado, quais sejam: Vila Anglo e Jardim Vera Cruz. Então esta noite venho defender uma questão comum entre nós.

Como eu disse, são áreas de rebatimento espelhado na margem Norte da Heitor Penteado. Portanto, há características geofísicas e de urbanização comuns, idênticas, quais sejam: altas declividades, ruas sinuosas e estreitas. Também características urbanas muito parecidas, ruas muito estreitas que não comportarão o impacto da implantação de uma ZEU.

Ademais, esses bairros representados pelo Movimento MAVA tem característica especial que nós, na margem Sul da Heitor Penteado, infelizmente estamos perdendo com velocidade um pouco maior. Na região da Vila Anglo e do Jardim Vera Cruz há um patrimônio cultural, ambiental e, sobretudo, humano ainda muito forte.

Em vista disso, Srs. Vereadores, representante da... (21)

Em vista disso, Srs. Vereadores, representante da SMDU, nós rogamos a revisão e a correção das diretrizes propostas para ZEU nessa área.

Muito obrigada (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Guilherme Almeida Lima, morador da região, em seguida o Sr. Peter Wolf.

O SR. GUILHERME ALMEIDA LIMA – Boa noite a todos. Meu nome é Guilherme Almeida Lima, sou arquiteto urbanista, morador do bairro do Sumaré, desde que nasci.

Vou falar brevemente sobre mobilidade urbana, que é um dos principais temas da Cidade na atualidade. Hoje em dia, é um transtorno muito grande a locomoção em qualquer parte da Cidade e as pessoas já não estão dispostas a percorrer muitas distâncias.

Portanto, observo que a tendência é que os bairros se tornem autossuficientes, ou seja, eles precisam ter residências, serviços e comércios próximos, de forma organizada no

seu território. Desta forma, temos que estimular que os bairros, de fato, contemplem essas atividades.

Na nossa região, a Avenida Sumaré pode ser vista como um ponto inicial muito grande a ser aproveitado, pois ela está subutilizada, embora a maior parte de sua extensão o uso seja amplo, na parte entre a Ministro Gastão Mesquita e a Paulo VI ela é ociosa, parece uma avenida fantasma.

Precisamos ampliar o seu uso com mais serviços e comércios, favorecendo toda a população dos bairros a sua volta. É um desperdício deixar a Avenida Sumaré tão restrita como é hoje em dia, estando o bairro necessitado de mais serviços e comércios, a fim de ser mais autossuficiente.

Por favor, se atentem a essa tendência e vão buscar meios para que isso aconteça.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Muito obrigado.

Tem a palavra o Sr. Peter Wolf.

O SR. PETER WOLF - Muito obrigado.

Não vou repetir coisas que já foram faladas anteriormente.

Estou representando o Sumaré. Nós temos aí um grau de problemas que é o seguinte: há uma avenida de 500 metros que atravessa nosso bairro e que foi prevista como uma ZCor2.

Numa fala anterior, que tive a oportunidade de participar, mostrei, por razões físicas, que isso não seria possível, inclusive não acredito, como falou um antecessor meu aqui, de que pode haver uma compatibilidade entre um corredor ZCor1 e a ZER que fica lá próximo.

Trago aqui um manifesto de 400 moradores, que se colocaram contra essa ZCor1, pelo fato de não ser possível que isso não traga consequências muito graves para o nosso bairro, como congestionamento, estacionamentos irregulares em toda volta.

Portanto, acho que deve ser respeitada a vontade dos moradores, porque eu lanço a seguinte pergunta: os moradores vivem em função da Cidade, ou a Cidade existe em função dos moradores? O povo existe em função do Estado, ou o Estado em função do povo? É a minha colocação aqui.

Além do mais, queria colocar também a importância das zonas de transição, que é um problema que consta no artigo 40, do Plano Diretor, mas que não está recebendo a devida atenção no Plano de Zoneamento. Então eu queria chamar a atenção sobre esse problema, porque ele que serve de zona de amortecimento e de proteção aos bairros estritamente residenciais.

Muito obrigado (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Muito obrigado.

Tem a palavra o Sr. Edson Domingues, em seguida o Sr. Felipe Rodrigues.

O SR. EDSON DOMINGUES – Boa noite a todos. Quero cumprimentar o Presidente e o Relator, Vereadores Eliseu Gabriel, José Police Neto e demais Vereadores.

Quero poupar um pouco a todos, porque temos uma questão de fundo que é a instalação da estação de transbordo na Vila Jaguara. Temos uma audiência no dia primeiro, do Conselho Estadual do Meio Ambiente, então vamos tratar disso. Dia primeiro, não é isso, Vereador Eliseu Gabriel?

Quero ser solidário aos movimentos de moradia da Barra Funda, da Lapa de Baixo, da Vila Madalena e da Vila Jaguara, pois, nessa região de São Paulo, há um conflito bastante acirrado entre o capital especulativo e os movimentos que lutam – viu Fábio? – e são perseguidos. A disputa por esses territórios é muito intensa.

Lembro que, ao mesmo tempo que na Vila Madalena, na parte Lapa – da Subprefeitura da Lapa -, teve professor, aqui, que defendeu que seja retirado as ZEIs de lá, que sejam jogadas numa área contaminada da antiga garagem da CMTA, nós temos condições, na Vila Jaguara, com incentivo do Arco do Futuro – que prevê conciliar moradia,

comércio e serviços – reduzir o movimento pendular que satura o transporte público.

Então quero, aqui, Sr. Relator, lembrar que há uma demanda muito grande, está aqui a Clélia, do movimento Instituto Ação e Cidadania, está também o Janilson, o Amorim, e é uma demanda grande. Por exemplo, na Vila dos Remédios, na Antonio Airosa, naquela região do jardim Marisa - se passar para outro lado, que nem é o caso aqui, que é Pirituba e tem também uma demanda -, tem área que é possível demarcar como ZEIs, ZEIs – 1, que é uma demanda, forte, do MOP – movimento que também tem representante aqui -; e tem também condições nas proximidades da Anhanguera, da Lapa, da estação Domingos de Moraes, no sentido de facilitar a locomoção, acesso e conciliar todo esse tipo de atividade daquela localidade.

Mais uma vez, então, digo que desejo ser solidário a esses movimento de moradia. Mais do que nunca, é importante delimitar essa luta entre o capital e o movimento popular.

Era essa mensagem que eu gostaria de passar, viu, Vereador Eliseu Gabriel?
Obrigado. Boa noite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Próximo orador é o Sr. Felipe Rodrigues Francisco, morador do Butantã – Bela Vista. (Pausa) Felipe não está? (Pausa) Não.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) - Passo a palavra ao nobre Vereador Eliseu Gabriel.

O SR. ELISEU GABRIEL – Só falar um pouquinho, para dizer que estou presente. Quero dar os parabéns para a atuação da comissão, nas pessoas dos Srs. Vereadores Souza Santos, Gilson Barreto, Paulo Frenge – Relator –, Andrea Matarazzo, Netinho, e também o Queija que é o nosso Subprefeito.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Assim que o orador terminar a palavra. Muita calma, há um orador. Aproxime-se, falo com o senhor.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) - Continue Vereador, por favor.

O SR. ELISEU GABRIEL – Queria reiterar o que o nobre Vereador Gilson Barreto tem dito que o Plano, agora, está na mão da Câmara. E acho que teremos de ouvir o que o pessoal tem dito. Estamos vendo o esforço para que as pessoas fazem para manter, para salvar as áreas verdes da cidade de São Paulo, que são as ZERs.

Vejo aqui o pessoal do Parque Continental, que conheço há muitos anos, desde o começo. (Palmas) Estou vendo a Cecil. A senhora mora no Parque Continental? Não? Mas muitos amigos meus, que estudaram comigo, que deram aula comigo na Universidade, moram no Parque Continental desde aqueles tempos. Esse é um bairro que precisa ser preservado, precisa ser salvo. É um absurdo o que estão tentando fazer com o Parque Continental. (Palmas) Estou falando porque conheço bem essa região. O mesmo acontece com a Vila Madalena. A Angela até comentou que o arquiteto está fazendo um plano belíssimo.

Nobre Vereador Gilson, algo importante que faltou foram os planos de bairro. (Palmas) Hoje há as audiências, então, temos de aproveitá-las da melhor maneira possível.

- Manifestação da plateia.

O SR. ELISEU GABRIEL – Sr. Laerte Brasil, me deixa falar. Quero mostrar para a Comissão a dificuldade que existe da participação da comunidade sem uma estrutura. Vemos o esforço que o nosso arquiteto está fazendo, a Angela e esse grupo da Vila Madalena para produzir algum documento, alguma proposta para tentar salvar a região desse absurdo que é fazer uma Zeu no Centro da Vila Madalena. Quer dizer, é um absurdo total, uma destruição do bairro e não precisa disso. (Palmas) Ali existem outros locais para adensar.

Quero saber quem consegue entrar no metrô Vila Madalena, hoje em dia, em horário de pico. Ninguém mais consegue. Vai adensar para quê? Além dos declives existentes, aqueles problemas geológicos gravíssimos da região. E também o pessoal de várias outras áreas, como a Leopoldina, enfim, da região da Vila Madalena e de Pinheiros.

Estou ouvindo a população. Espero que os nossos Colegas ouçam e salvem a Cidade, salvem essas áreas que são tão fundamentais para a cidade de São Paulo.

Com relação ao lixão da Vila Jaguara, que é algo que me afeta diretamente, não apoio decisivamente a instalação do lixão. Que aquela área seja utilizada para ZEIS. Apoio fortemente essa proposta.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Muito bem. Registro a presença do nobre Vereador Andrea Matarazzo. O próximo orador é o Sr. Sérgio Saraiva Martins.

O SR. SÉRGIO SARAIVA MARTINS – Primeiro, quero dizer que represento o Vereador Gilberto Natalini aqui e a nossa preocupação é, sobretudo, que vamos ter uma Operação Urbana de uma grandeza que é difícil de saber o que vai acontecer com o seu desenvolvimento. Temos esse zoneamento que, no meu entendimento e no do Vereador Natalini, é muito pouco voltado aos estudos básicos, à técnica necessária. Estamos verdadeiramente abandonando os estudos de impactos ambientais, sobretudo, porque vamos ter o Arco do Futuro, do Tietê, a seguir e num planejamento futuro, que é algo novo no Brasil. Acho que não estamos preparados para isso e infelizmente está sendo colocado, do modo como está sendo colocado. (Palmas)

Mas, sobretudo, pelo que vi aqui – venho sempre observando, em várias reuniões -, o que está faltando de verdade é um resgate efetivo, é um desenvolvimento efetivo dos planos de bairro, que estão abandonados por esse planejamento urbano. (Palmas) Estão abandonados. Essa peça do PDE, que o Vereador Natalini, o Vereador Andrea Matarazzo e outros votaram contra, cometeu essa atrocidade com a sociedade paulistana, diferente do que faz o mundo inteiro.

O mundo começa na quadra, não começa sei lá aonde, indo não sei para onde. Depois, dá aquela zona de estruturação urbana, inclinação de 65º com uma largura de rua que mal passa uma carroça! Como é possível? E esses erros são inúmeros, são muitos, são

gravíssimos, dentro desse zoneamento. E por quê? Porque as pessoas de verdade foram ouvidas apenas protocolarmente. Não foram ouvidas de verdade. (Palmas) Precisam ser ouvidas de verdade.

É o que tenho a dizer. (Palmas)

O SR. PRESIDENE (Gilson Barreto) – Obrigado.

Há uma emenda, na Prefeitura, que está enxertando um projeto que visa o aumento de IPTU entre 20 a 30%. Votarei contra. (Palmas) O nobre Vereador Andrea Matarazzo falará a respeito disso.

Tem a palavra a Sra. Solange Novaes da Silva Campos.

A SRA. SOLANGE NOVAES DA SILVA CAMPOS – Boa noite a todos.

Meu nome é Solange. Sou Professora aposentada. Sou moradora da Vila Ipojuca e participo da Umopi, que é uma entidade que luta pelo direito à moradia. A Umopi é constituída por trabalhadores e moradores de nossa região – Pinheiros, Vila Madalena, Vila Anglo, Lapa – e em sua maioria é constituída por jovens de família humilde que, com muita dificuldade, com muito esforço, conseguiram concluir a sua faculdade. Esses jovens estão engajados na Umopi porque sonham em ter uma moradia digna.

Portanto, peço aos Srs. Vereadores que olhem com carinho para a proposta da Umopi. Dê-nos uma oportunidade. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Obrigado.

Tem a palavra a Sra. Daniela Fajer Rosa.

A SRA. DANIELA FAJER ROSA – Boa noite a todos.

Também represento a Umopi. Sou estudante de Arquitetura e estou fazendo pesquisa científica com a Associação e vim defender a ZEIS. Trouxemos o material da ZEIS, que fica perto do Metrô Vila Madalena, perto da Bica de Pedra.

Então, primeiro, devemos apresentar essa ZEIS e garantir que ela exista e que seja construída habitação social.

Hoje em dia, temos uma ocupação nesse terreno.

- Oradora passa a se referir às imagens exibidas na tela de projeção.

A SRA. DANIELA FAJER ROSA – Essa parte mais escura representa as chamadas curvas de nível. Ou seja, aqui temos um grande declive. Então, temos uma ocupação, onde pessoas estão morando de forma irregular. Portanto, o que precisamos, de imediato, é a regularização dessas habitações. Para isso, contamos que essa ZEIS seja mantida.

Outro assunto. Ouvei muitos discursos que vão contra o que tenho estudado na universidade, principalmente no que diz respeito aos chamados bairros horizontais.

Acho que não podemos olhar somente para o nosso umbigo. Se olharmos para a sociedade como um todo, poderemos, sim, adensar com qualidade. Para isso, temos de investir em pesquisa.

Outra questão diz respeito à ZEU. Quando ouço: “Temos de criar um limite na ZER, temos de protegê-la”, devo dizer que isso é muito gentrificador. Vocês não querem que outras pessoas residam perto de vocês.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Por favor, respeitem a manifestação de cada um.

A SRA. DANIELA FAJER ROSA – Gostaria de respeito. Estou falando o que estudo na universidade.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Cada um que usa o microfone, fala o que quer. Ao final, pode haver a manifestação.

Por favor.

A SRA. DANIELA FAJER ROSA – Encerro falando sobre a ZER.

É muito fácil quando se tem uma casa com muro, com o seu carro, e você não

precisa andar pela rua, quando você não é uma mulher que está voltando do seu serviço – uma empregada doméstica voltando a pé – e não há zona comercial. A pessoa fica com medo nas ruas escuras, porque não há pessoas andando.

Acredito que podemos, sim, conviver com comércio, com adensamento, com verticalização. Só precisamos saber como e discutir como fazer isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Obrigado.

Tem a palavra o Sr. João Pedro Rosin.

O SR. JOÃO PEDRO ROSIN – Boa noite a todos.

Sou Coordenador Geral da União dos Moradores de Pinheiros e Lapa.

A nossa proposta é moradia digna e qualidade de vida. (Palmas)

O que temos percebido, nesses últimos anos, é justamente a gentrificação. Quando você faz edifícios de um apartamento por andar, com uma ou, no máximo, duas pessoas e três cachorros, você está gentrificando.

O que nós mais temos hoje nesta Cidade são edifícios ociosos, que ocupam áreas enormes, apartamentos que ocupam 300 ou 400 metros quadrados em que moram uma pessoa.

A questão é que o morador trabalhador que está lá hoje, trabalha na região, usa escola e unidade de saúde públicas, está sendo, gradativamente, expulso dessa nossa área de Pinheiros, Lapa e Vila Mariana.

Isso vai de encontro aos objetivos principais do Plano diretor que é de aproximar a moradia do trabalho e o trabalho da moradia. (Palmas) Essa é a função primeira da lei que foi aprovada na Câmara. Nós temos que pensar nisso.

Hoje, estamos defendendo uma região da área da bica de pedra, principalmente, além das ZEIS da Vila Leopoldina, que é muito importante, que são áreas que estão numa situação de terreno complicada, nas quais temos sérios riscos ambientais. Essas áreas requerem uma intervenção melhor e uma classificação para que aquelas famílias que lá residem continuem residindo e se abra espaço para mais pessoas que estão no entorno para residirem

lá.

Então, temos que aproveitar melhor o espaço que existe para adensar com moradores esse miolo.

Gente, eu não sei a Lapa, mas Pinheiros 20% dos moradores nos últimos 10 ou 15 anos. Isso está errado, não pode acontecer. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Vamos intercalando os oradores.

Agora, gostaria de ouvir o nobre Vereador Andrea Matarazzo, Líder do PSDB na Câmara.

O SR. ANDREA MATARAZZO – Boa noite, gente.

Para mim, é um prazer estar aqui.

Acho que a primeira coisa que se deve fazer é tirar o conteúdo ideológico dessa discussão. (Palmas) Esse é o grande problema das universidades e o grande problema desse Governo: transformar uma questão urbanística numa questão ideológica, uma questão de ricos contra pobres que não tem nada a ver com esse assunto. (Palmas)

Nós temos aqui Vereadores, para os quais eu gostaria que prestassem bastante atenção, como, por exemplo, o Vereador Gilson Barreto, que tem origem no movimento social, portanto, conhece o assunto como poucas pessoas; o Vereador Paulo Frange, quando eu era Presidente da Comissão de Política Urbana, ele estava lá, é Médico de uma sensibilidade enorme, mas conhece o urbanismo como ninguém; o Vereador Souza Santos, da comissão de política urbana e o Vereador Professor Eliseu Gabriel que conhece essas regiões das quais estamos falando hoje, assim como o Vereador José Police Neto, que conheço desde pequeno, para dizer a verdade, seguramente, é um dos maiores estudiosos dessas questões e quem implantou o primeiro plano de bairro na cidade de São Paulo, por insistência dele, no bairro de Perus, quando eu ainda estava na Prefeitura.

Então, todos os Vereadores que estão aqui conhecem muito e valeria muito à pena vocês estreitarem a conversa e se manterem mobilizados.

Há, também, o Vereador Aurélio Nomura que não está aqui hoje, mas que tem dado a batalha na Vila Jaguara com relação ao lixão, que é uma área sem contaminação para qual querem levar um equipamento que irá contaminá-la.

Então, não é o caso. (Palmas)

Mas voltando às coisas que eu ouvi aqui, para a gente procurar colocar em ordem: tenho a certeza de que ninguém é contra habitação de **interesse social (...segue 27...)**

Que é uma área sem contaminação que querem levar um equipamento para contaminar. Então, não é o caso. (Palmas)

Mas, voltando ao que ouvi para procurarmos colocar em ordem, eu tenho certeza de que ninguém é contra habitação de interesse social em lugar nenhum, ao contrário, todos os bairros gostariam que tivesse habitação de interesse social, mas, obviamente, ninguém é a favor dos imensos conjuntos habitacionais nem de rico e nem pobre, condomínios gigantescos que destroem e desfiguram todos os bairros. A minha questão é porque na habitação de interesse social os Governos não podem fazer projetos bem feitos, com fachadas em ordem, compatíveis com os prédios das regiões? (Palmas)

Ninguém está preocupado com quem mora dentro do prédio. As pessoas normalmente se incomodam com a desfiguração dos bairros e os conjuntos habitacionais, inclusive, são péssimos para quem mora neles porque são gigantescos, com pouco controle, construção mal feita e a fachada com aspecto soviético, pavorosa que vemos em todo o lugar. (Palmas)

Então, ninguém é contra habitação social e ela é bem-vinda nos bairros. Adoraria ter quem trabalha na minha casa morando a três ou quatro quarteirões e não tendo de andar 2h30 para ir e mais 2h30 para voltar dentro de um ônibus sem ar condicionado, abafado e com trajeto insuportável. Esses são pontos importantes.

Com relação às ZEISs que a arquiteta estava dizendo da gentrificação. Essa gentrificação que ela se refere significa 13,5% do território da Cidade, que são Zonas

Estritamente Residenciais. Não tem nada de gentrificação. É um modelo de urbanismo que funcionou, que deu certo. (Palmas)

É um modelo que deveríamos, como diz o arquiteto Candido Malta, que o objetivo do Plano Diretor, da Lei de Zoneamento, é procurar levar qualidade de vida para os lugares que não estão bons e não estragar os lugares que estão bons. (Palmas)

Aliás, sugeriria que mandássemos à Secretaria de Planejamento Urbano a entrevista brilhante do Candido Malta que o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou hoje.

ZERs têm de ser mantidas como Zonas Estritamente Residenciais, se os moradores não querem que mude. (Palmas) O maior interessado em ter o comércio perto é o morador. Portanto, se ele não está interessado porque há comércio perto, por exemplo, no Jardim América, como gostam de dar exemplo do paraíso dos ricos, você está a cinco quadras da Rua Estados Unidos, da Oscar Freire, que tem tudo que você quiser para comprar, e também a cinco quadras do Shopping Center Iguatemi. Então, não tem essa de gentrificação porque a mudança lá dentro... não sai de carro.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ANDREA MATARAZZO – Eu nasci e cresci lá. Nunca peguei carro para fazer nada. As pessoas que moram lá é que deveriam se incomodar em pegar o carro. Se elas não se incomodam, o problema é delas. Não podemos querer definir aqui que não pode ter apartamento de mil m². Não estamos na União Soviética e nem na Polônia comunista. (Palmas)

O zoneamento tem de dar oportunidade igual a todos. Pode ter o apartamento de mil m² ao lado do de 30 m². Ninguém vai se incomodar se ambos tiverem fachadas razoáveis, tiverem ocupando o jardimzinho direito e arrumado. O resto é balela ideológica. Não tem porque mexer na ZER.

Vocês têm de se manter mobilizados. O segredo de isso estar funcionando é que esses grupos estão mobilizados. Com isso vocês vão atrair mais e mais Vereadores para a causa. Vereador funciona na base de perspectiva de voto. E aplauso surte efeito e xingamento também. Eu sou Vereador e posso dizer que funciona bastante assim porque é a forma de você medir se você está agradando ou não.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ANDREA MATARAZZO – Você sempre me interrompe. É sempre o mesmo, já estamos ficando amigos íntimos.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Isso é verdade.

- Aplausos.

O SR. ANDREA MATARAZZO – Manterem-se mobilizados porque eu vi no Plano Diretor a Prefeitura usa duas palavras chaves que a Secretaria de Política Urbana usa: consulta popular e pactuação. Fala, fala, fala e quando vai à Câmara, o projeto volta igualzinho a como eles fizeram. Então, mobilizem-se e lotem as galerias da Câmara, procurem os Vereadores. Façam como o Uber fez, como os taxistas fizeram, venham todos os dias, aplausos e vaias funcionam para chuchu. Muito obrigado e vamos manter a luta. (Palmas)

O Vereador Gilson me lembrou um caso para mostrar como é que atua o Executivo. Recebemos na semana passada um projeto interessante: reduzir o ISS para algumas empresas que estão fora de São Paulo, vale-refeição e afins. Estão fora de São Paulo porque aqui o ISS é maior do que os outros. Interessante, trará aumento de arrecadação. Fizemos uma emenda que se em cinco anos não trouxer aumento de arrecadação, volta à alíquota como é hoje. Tudo uma beleza e todos aprovariam. Qual não foi a surpresa quando vimos duas

emendas do Governo: a primeira tira as travas do IPTU para terrenos e imóveis que não estejam regularizados, o que é um absurdo, quer dizer, quer fazer um projeto dessa magnitude e mexer com o IPTU, mas tem de ser um projeto específico de IPTU; a segunda emenda, o plano do PPI de parcelamento de impostos ao invés de ter como base até o ano de 2013, dá uma estendida até o final de 2014. Mas como fazem isso na calada da noite, sem avisar ninguém. Quase passa porque você está focado no projeto principal.

Então, essas coisas têm de ficar de olho. Fiquem alerta permanentemente. Fala em aumento de IPTU, a sociedade já barrou, a Câmara já barrou, mas tentaram dar um pequeno golpe para ver se passa em um momento em que estamos em uma recessão danada, a construção civil paralisada e você vai onerar o morador – imóveis irregulares, você vai atingir 90% da periferia mais do que qualquer coisa. Quer dizer, é injusto você dar golpes assim e a questão de zoneamento mexe com a vida de cada um de nós. Portanto, vamos ficar atentos, pensar com frieza. Pensar direito sobre essa questão das ZEIS e deixar claro que ninguém aqui é contra habitação de interesse social seja onde for desde que respeite o zoneamento e a estética e a conformação do bairro. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Muito obrigado.

Carlos Alexandre de Oliveira, Associação Viva Leopoldina.

O SR. CARLOS ALEXANDRE DE OLIVEIRA – Sr. Presidente, Sr. Relator, Sr. Subprefeito, nobres Vereadores, boa noite. Meu nome é Carlos e sou da Associação Viva Leopoldina. Quero externar os parabéns ao pessoal do Parque Continental que está defendendo a sua causa sem dar palpite no bairro do vizinho que não conhece e não sabe nada. (Palmas)

Só um idiota viria aqui na tribuna defender zero de ZEIS em um bairro. Tem de ser muito burro para fazer isso. No bairro da Leopoldina defendemos ZEIS no terreno da Vila Jaguara que não é contaminado. Não tem contaminação no terreno. Agora, o terreno da CMTC, que é um espólio, não é totalmente o público disponível da falta de conhecimento de

análise. Vamos montar.

Invés de... As pessoas não querem nada no seu bairro. Então vamos colocar as pessoas no outro bairro, chutar e montar uma grande cidade de Deus lá, sem nenhuma infraestrutura e dane-se. Não é assim.

O terreno da CMTC é contaminado por hidrocarbonetos, há laudo da Cetesb. Hidrocarboneto é cancerígeno, temos estudo de universidade, a gente perde tempo buscando essas informações aí para vir gente dar palpite no nosso bairro. É por isso que tem de haver Plano de Bairro. (Palmas)

É para que esse tipo de discussão não aconteça, tá? Então, gente, por favor, o terreno da garagem da CMTC está contaminado. Há um terreno ali, a 3km, ali pertinho, gente, o povo já está morando lá, o terreno não é contaminado e estão querendo colocar lixo, encher de caminhão de lixo ali o terreno. Está errado.

Então, precisa ouvir. Nós, da Associação Viva Leopoldina, somos 30 mil pessoas. Lá há arquiteto, lá há vendedor de banca de jornal, não é? A Vila Leopoldina não tem estrutura física nenhuma para suportar um adensamento pesado. Ali a luz cai, ali alaga, ali a gente tem um monte de problemas.

Desculpe a minha indignação, sabe, mas, antes de a gente falar do vizinho preciso olhar para a própria casa. Eu não estou aqui dando palpite nos vizinhos. Estou defendendo a minha causa, o nosso bairro, tá? Olha aquele povo ali, gente, no fundo eles estão buscando moradia, sabe?

Então, assim, acho que, como falou bem o nobre Vereador, há espaço para todo mundo, tá? Isso só tem de ser bem feito. Por isso que tem de haver Plano de Bairro. Nosso nobre colega ali também falou bem: precisa discutir um pouco mais e eu defendo, neste momento, como a Associação Vila Leopoldina, que essa votação... (ininteligível)... Não estamos sendo ouvidos sistematicamente, então ela seja postergada. Por quê? Porque ela não tem Plano de Bairro. Eu lamento.

Muito obrigado, boa noite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) - Obrigado.

Luci Cruz, Consabes (?).

A SRA. LUCI CRUZ - Boa noite a todos, boa noite à Mesa.

Estou aqui como representante da Consabes, moradora da City Lapa desde que nasci. A City Lapa era um bairro onde as ruas não tinham asfalto, onde não havia infraestrutura nenhuma. A City foi crescendo, vieram novos moradores e, para indignação minha, muitos desses moradores estão querendo transformar a City Lapa num engessamento total.

Para começar, há muitos anos, há 22 anos, que demos um problema sério na City Lapa que alguns dos Vereadores aqui presentes devem se lembrar: fizeram o calçadão, fecharam três ruas da City Lapa. À época, nós brigamos, fomos à Justiça e, a essa época, foi criada a Sampalba São Paulo pauta, pelas mãos de D. Berenice, que utilizou o nosso abaixo-assinado para desfazer as ruas, para convocar as pessoas a fazerem um grande fechamento da City Lapa. É daí que vem a origem da Sampalba.

Eu respeito muito as pessoas que estão aqui, inclusive àquela fazem parte da Sampalba. Gostaria que elas tivessem o mesmo respeito por nós moradores, que a vida inteira moramos na City Lapa e que, na calada da noite, vimos o nosso bairro por ser tombado, de maneira muito obscura até hoje para todos nós - porque, até então, o tombamento não iria ser feito. Mas foi milagrosamente feito, dentro da sala da Associação Comercial de São Paulo.

Pode olhar para mim, porque eu tenho para falar e tenho provas do que eu falo, porque quem me conhece aqui sabe que a vida inteira eu matei a cobra e mostrei o pau. (Palmas) Não tenho medo de ninguém, de associações recém-formadas para descaracterizar o bairro da City Lapa.

A City Lapa nunca precisou de tombamento. A City Lapa é protegida pela Companhia City. O que aconteceu depois que vocês tombaram o bairro? Vocês descaracterizaram as ruas da City Lapa, criaram os jardins suspensos da Babilônia na Rua

Mercedes, estão continuando esse projeto. As Ruas Barão de Jundiá e a Brigadeiro Gavião Peixoto de há muito já deveria ser Z2 por causa do alto tráfego existente, e as pessoas já não conseguem morar lá. Sei que algumas pessoas acham que quem tem imóveis é rico e pode pagar por isso, só que isso não funciona assim. Na prática, todos temos que dar as mãos para termos um bairro melhor.

Sobre esse projeto do bairro, de que muito ouvi aqui falar, eu gostaria que vocês me explicassem como ele funciona quando os projetos são feitos por uma associação e só vamos descobrir o que eles fizeram quando estão derrubando os prédios para o chão. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Registro que foram achados os documentos do carro do Sr. Carlos Joel Carvalho de Formiga Xavier, que deixarei com a assessoria.

Próximo inscrito, Carlos Humberto Antunes Pereira.

O SR. CARLOS HUMBERTO ANTUNES PEREIRA – Boa noite a todos, boa noite à Comissão. Sou morador da Rua Aurélia, na Lapa, em uma esquina. Tenho uma convivência superharmoniosa com os vizinhos. Nesse domingo de Cosme e Damião fizemos um piquenique na praça e colhemos assinaturas em prol dessa peculiaridade do novo zoneamento, que é a ampliação dos usos nas áreas de centralidade. Isso porque hoje na área de centralidade não se pode instalar um centro cultural ou um pequeno restaurante, mas um dentista pode, a loja de móveis pode, o estacionamento pode. Um centro cultural, que é fundamental para preservar a memória do bairro, não pode ser instalado, legalmente não pode. Pergunto: como uma pessoa que é favorável à preservação da memória do bairro é contra esse tipo de instalação? Somos favoráveis, sim, a que nessa área da Rua Aurélia com a Rua Bento de Abreu sejam ampliados os usos para que possamos fazer esse centro cultural. Era isso. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Próximo inscrito, Sr. Brasil Laerte.

O SR. BRASIL LAERTE – Sou Superintendente de Projetos Avançados da FAN Distrital Lapa do Trabalho e Empreendedorismo; Presidente da Confe São Paulo Trabalho e Empreendedorismo e Presidente Mundial da UniGlobal Trabalho e Cidades.

A cidade de São Paulo é constituída de 11 milhões de habitantes, sendo que 8,8% vivem na área urbana. É uma cidade cosmopolita com 96 distritos, que consolida 2.325 bairros, mas esses bairros de São Paulo, ao longo dos anos, vêm servindo de verdadeiras bases de satélite, aparecendo de 4 em 4 anos e depois desaparecem não deixando rastro. Só para dar uma ideia, 53% das indústrias saíram de São Paulo por inviabilidade de políticas públicas; 19% das indústrias que estão em São Paulo desenvolvem suas atividades em áreas totalmente precárias. Qual é a nossa tese? É a regulamentação desses empreendimentos e também a outorga dos alvarás para os empreendimentos industriais, comerciais e de prestação de serviços, porque 93% são irregulares; e, na área habitacional, temos 1,2 milhão de famílias vivendo em áreas desumanas, o que constitui um número de 4 milhões e 323 mil pessoas vivendo em cortiços, favelas, áreas contaminadas e ocupações irregulares. Foi segundo essa visão que na I Conferência das Cidades eu apresentei a tese do Projeto Minha Casa Minha Casa e a construção de 25 milhões de imóveis até o ano de 2001.

Qual é a nossa tese aqui? É a regulamentação fundiária, a reforma urbana e a outorga de títulos de propriedade para todas essas famílias.

Para encerrar, além das teses avançadas que as lideranças e os munícipes apresentaram em todas as audiências públicas da Lei de Zoneamento, apresentei, nas oficinas ambientais, a tese das cotas ambientais, com o objetivo de alçar a cidade de São Paulo ao mundo em termos de sustentabilidade. Além disso, a captação de água das chuvas e um projeto de captação da água do mar, que apresentei há 25 anos na cidade de São Paulo. Era o que eu tinha a dizer. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Sr. Rogério Borlina, do Parque Continental.

O SR. ROGÉRIO BORLINA – Boa noite a todos. O que eu gostaria de falar já foi dito por todos praticamente. Quero apenas dizer que moro no Parque Continental, zona exclusivamente residencial, cheia de árvores, e eu pediria que essa característica fosse preservada porque a cidade de São Paulo precisa de árvores. Num momento em que muitos pedem a criação de parques, pensar que zonas residenciais já são parques disponíveis para a população, eu diria que é até uma economia para a Prefeitura e para a população que todos possam utilizá-las. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Quero ouvir agora o nobre Vereador Souza Santos, membro da Comissão. (Pausa) Ele é que vai votar. Para vocês, é importante ouvir o pensamento dele.

O SR. SOUZA SANTOS (PSD) – Boa noite. Só quero repetir o que digo em todas as nossas audiências públicas. Esse é um projeto que não pode ser um projeto do Prefeito, tem que ser um projeto para a nossa cidade. Por isso, é bom vocês comparecerem, falarem e serem ouvidos, porque nós certamente votaremos essa lei. Se é que vamos votar, pois não temos pressa nenhuma para isso. Ninguém está com pressa, eu não estou com pressa, o Presidente não está com pressa, o relator Paulo Frange – que é médico e é sensível - não está com pressa alguma. Portanto, vocês têm que ser ouvidos, e não tem que ser da forma como está.

Parabéns a todos. Faço das palavras do nosso Vereador Andrea Matarazzo as minhas palavras. Muito obrigado e boa noite a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Próxima, Maria Laura Fogaça, da Assampalba.

A SRA. MARIA LAURA FOGAÇA ZEI – Boa noite a todos. Sou Presidente da Assampalba, da famosa City, onde estamos sendo atingidos por 29 zonas corredores. Nossa proposta, que foi muito bem apresentada pelo Jairo, com cuja associação estamos trabalhando. Queremos tentar um consenso sobre o que for mais razoável, respeitando as

restrições contratuais e talvez legalizando alguma coisa. Não propriamente legalizando. Refiro-me a clínicas e casas de repouso, que acho que seriam interessantes.

O que eu quero falar realmente é o seguinte: o professor Cândido Malta, como foi citado pelo Vereador Andrea Matarazzo, tem 17 pontos críticos a este Plano Diretor. Ele foi professor do Vereador Nabil Bonduki e do Secretário da Habitação. Então, acho que, como urbanista conceituado, temos que ouvi-lo. Há estudos que mostram que as pessoas trocam de emprego a cada três anos. Então, não podemos achar que essa lógica de morar perto do trabalho funciona.

- Palmas e manifestações no recinto.

A SRA. MARIA LAURA FOGAÇA ZEI – Nós temos que fazer muitos estudos, temos que ter capacidade de suporte. Acho importante que não corramos o risco de pensar esta cidade sem um plano de bairro. Precisamos do plano de bairro antes. Esta cidade é imensa, não pode ser posta em tabuleiro com dois arcos e acharmos que está tudo bem, que vamos verticalizar sem considerar as características da Vila Madalena e de todos os bairros aqui mencionados. Não podemos considerar o Parque dos Búfalos, pois o Jason apresentou 4 áreas que têm IPTU na dívida ativa para serem feitas ZEIS, e não em áreas de mananciais. (Palmas)

Não temos pressa para discutir uma lei que envolve 16 milhões de pessoas. A cidade de Detroit demora três anos para estudar sua lei. Então, vamos ter calma, vamos fazer tantas audiências públicas quantas forem necessárias para discutir a Cidade que queremos, não uma Cidade que foi paga pelo mercado imobiliário para a campanha. (Palmas)

É só isto: calma, e não se misturar ideologia política com técnica. Temos técnicos de todos os partidos, de todas as universidades. Então, vamos estudar o que queremos, pois esta cidade é nossa. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Sr. Paulo Cesar Maluf, com Conselho Participativo da Lapa.

O SR. PAULO CESAR MALUF – Boa noite, senhoras e senhores, Mesa e Vereadores. É incrível que depois de tantas audiências tenhamos que ficar repetindo a mesma coisa. Particpei de praticamente todas, faltei a uma audiência pública, mas, na primeira, falei para o Secretário que tínhamos que começar pelo Plano de Bairro. Infelizmente, por causa da lei, começa-se pela Lei de Zoneamento e depois se vai para o Plano de Bairro.

O Parque Continental, do qual faço parte como morador e representante do Conselho Participativo, vem lutando desde o primeiro minuto em que soube das alterações que aconteceriam e causariam impacto àquela região. Queremos que nosso bairro continue como ZER 1. O Secretário, na última audiência pública, nos mostra que seria ZER 1, e quando vamos olhar o documento há ZCOR, um corredor! Mas quem pediu corredor em uma área que deveria ser Zepam, de proteção ambiental, pois é divisa de uma cidade, gente? (Palmas)

Os moradores estão lutando por qualidade de vida, que falta na Cidade. São pessoas que lutam por aquele bairro há 48 anos, desde 1967; portanto, não chegaram hoje. Existe a especulação imobiliária. Em frente ao Shopping Continental, querem fazer ZEIS 5, mas queremos um parque, queremos integração social, queremos qualidade de vida!

Temos lá, Srs. Vereadores – e convido todos para ver – 7 favelas sem saneamento básico, sem energia elétrica. Lá é ZEIS 0, não tem regularização fundiária. Onde tem um Cingapura estão construindo casas na frente, e ninguém está vendo isso.

O nosso subprefeito da Lapa, eu tenho falado com ele a semana toda. Vão à Dracena ver as invasões que tem lá. É difícil. A nossa única salvação são os senhores. Peço para os senhores segurarem essa lei e ouvirem mais a população, para lutar mais para o Parque Continental continuar exclusivamente residencial, para pensar em criar um parque, porque o Villa Lobos não comporta mais a zona Oeste. Nós não temos mais área de lazer. (Palmas)

Eu estou brigando por uma UBS, mas não tem terreno para construir uma UBS, gente! (Palmas)

Vou para audiência pública juntamente com os colegas do Parque Continental, e ouço o quê? Não mudou nada. Isso só vem desanimando. Agora, a salvação está nas mãos dos senhores, quem nós elegemos e em quem nós confiamos e entregamos essa carta para que os senhores lutem por nós.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Obrigado.

Vamos ouvir a mensagem do José Antonio Varela Queija, subprefeito da Lapa. Por favor.

O SR. JOSÉ ANTONIO VARELA QUEIJA – Boa noite a todos. É um prazer recebê-los em nome dos Vereadores, do Vereador Paulo Frange, do Presidente Gilson Barreto.

É superimportante, como eu sempre falo, escutar a nossa população. Todos querem o bem dos nossos distritos, como eu falei na Câmara no seu bairro. Eu acho que nós temos que continuar assim. O que o Vereador Andrea Matarazzo falou é verdade: vocês são a força; eles escutam vocês. Vocês têm o voto. Continuem assim, mobilizados.

Boa noite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Muito obrigado.

Tem a palavra o Padre Edilberto Alves da Costa.

O SR. EDILBERTO ALVES DA COSTA – Sr. Presidente, Sr. Relator, subprefeito, nosso amigo Eliseu Gabriel, demais amigos e companheiros, eu sou padre da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, da Leopoldina, e atendo à Igreja São Joaquim Santana, no Jardim Humaitá, ao lado da Ponte dos Remédios. Estou aqui também em nome do meu Bispo, Dom Júlio, e de Dom Odilo Pedro Scherer, meu Cardeal.

Na verdade, a minha fala é um apelo. Eu sou muito envolvido nos meios sociais, no meio de políticas públicas e acompanho através da coordenação da Pastoral da Moradia, da qual sou presidente e represente a Igreja Católica Apostólica Romana, nomeado pelo meu bispo.

Quero dizer que a gente ouve o apelo das comunidades, o apelo do povo sobre as ZEIS, sobre as urgências de moradia e de tantas questões que envolvem necessariamente a consciência da política pública. Nós não podemos transferir o problema para os outros, nós devemos abraçar essa causa como um problema nosso.

Às vezes, a gente deixa se levar. Foi falado tanto aqui sobre questões ideológicas, e é verdade. Às vezes, a gente deixa se levar pelas questões ideológicas, mas nós sabemos que somos moradores da Leopoldina, e ali existe um problema grave por falta de moradia. Depois que acabaram com a cracolândia, lá se formaram tantas outras cracolândia. Esse é um problema social, necessidade de política pública, e nós sabemos disso. Então, não vamos empurrar para o partido “a” ou o partido “b”, porque é um problema que envolve todas as instituições.

Esta é uma grande conquista: o encontro da população com o Legislativo municipal. É bonito isso e que continue.

Como cidadão, sou uma pessoa que defende as ZEIS; defendo, sim, o debate sobre o terreno da CMTC em prol da moradia, em prol do povo, em prol das necessidades do nosso povo, que não só vem para a Leopoldina, mas que mora também ali nas redondezas.

Se tem problema, se tem contaminação, vamos estudar, porque é possível transformar aquilo a serviço da população, a serviço do povo. Eu sou um defensor desse debate. Não sou técnico, não sou arquiteto, não sou urbanista, mas, em nome da Igreja, da Pastoral da Moradia, defendo um diálogo com as autoridades do Legislativo municipal para que estude com consciência.

Para concluir, uso as palavras do Papa Francisco, que esteve na semana passada no Congresso norte-americano. Ele disse: “Ninguém pode ser motivado pelo partido e pela ideologia partidária se não em defesa do bem comum”.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra a Sra. Shirley Jesus dos

Santos, da comunidade do Jardim Humaitá.

A SRA. SHIRLEY JESUS DOS SANTOS – Boa noite a todos. Boa noite à bancada.

Eu vim falar um pouquinho do meu bairro, tão esquecido e zero à esquerda, o Jardim Humaitá. A gente também tem problema lá com moradia, mas eu vim mais falar de áreas verdes. Eu sou formada em Gestão Ambiental e não é porque eu moro quase em uma comunidade, porque na minha rua se formou uma comunidade, que eu acho que nós merecemos moradia. Eu enfrento tantos problemas com eles, gente, e sei que boa parte merece, sim, mas a outra, não. Por exemplo, se eu pegar e jogar lá para a Leopoldina, o pessoal não vai ter sossego, porque eu não tenho sossego. É som ligado o dia inteiro, é droga, são crianças que roubam. Tem que também haver a parte de educação ambiental, um estudo primeiro. A gente vai pegar esse pessoal e vai jogar problema para os outros? Eu moro lá e por isso tenho, sim, o direito de falar.

Então, vamos pensar também em moradia. Vamos pensar direitinho onde vocês vão colocar essas pessoas, vamos envolver mais educação. (Palmas)

Precisamos de educação, é o que a gente precisa. Uma pessoa bem educada não vai incomodar o seu vizinho com som – moro lá no meio e fico muito incomodada –, com drogas, com tiroteio com a Polícia. Lá tem muitos trabalhadores; minha mãe é uma delas.

A moradia a gente conquista. Eu e a minha mãe estamos muito felizes porque a gente conseguiu um lugar bom, melhor, com qualidade de vida, porque a gente trabalha, a gente estuda. (Palmas)

Tudo que é de graça é fácil, as pessoas destroem, fazem de tudo. Quando a gente sua, trabalha, aí as pessoas começam a dar valor. Vamos, então, ensinar isso.

Não sou contra moradia, não. Tem muita gente onde eu moro que merece moradia, mas outras não merecem. Vão primeiro estudar, comecem a respeitar o seu vizinho que está trabalhando o dia inteiro e depois resolve, compra, não sei. Mas vamos começar a estudar isso também.

Quero falar também que lá tem uma pracinha literalmente abandonada. Eu estou procurando o subprefeito há muito tempo, mas não consigo achá-lo, só assessores, enfim.

- Manifestações na plateia.

A SRA. SHIRLEIS JESUS DOS SANTOS – Achei! Está aqui. (Palmas)

Que ele venha ajudar no projeto, um projeto lindo que tem várias empresas engajadas. A gente vai fazer uma restauração na praça bem em frente a essa comunidade, que vai ser muito beneficiada. A gente vai criar uma quadra para essas crianças, e vamos ocupar esse espaço bem legal.

Por favor, marque uma hora comigo porque eu preciso apresentar o projeto, eu preciso que você participe também. Vamos marcar, pode ter certeza.

Obrigada a todos. Deus os abençoe. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. José Trindade.

O SR. JOSÉ TRINDADE – Boa noite a todos. Na figura do nobre Vereador Gilson Barreto eu saúdo a Mesa. Minha gente, eu vou tentar mudar um pouco o discurso aqui, vai ser um pouco diferente porque falaram aqui em preservação cultural – e não é a Toca da Onça, pode ficar tranquilo. A verdade é a seguinte, minha gente, a cidade de São Paulo está sem memória. Portanto, não vai ter mais história. Por exemplo, os bairros da Mooca, Tatuapé, Belém e tem a Lapa agora. A cidade industrial chama-se São Paulo, não é mais, é uma cidade de serviços. Então estamos perdendo referência histórica. O Prefeito Haddad esteve recentemente em Paris e visitou alguns museus históricos, Paris é uma coisa maravilhosa, historicamente falando, e São Paulo está perdendo a sua referência. E a Lapa, que na verdade é Vila Ipojuca, City Lapa, Central Parque, Vila Romana, Vila Anastácio, são bairros industriais, é memória da região. Mudou totalmente seu perfil devido à crescente e irracional verticalização da Cidade. Nós só construímos edifícios, nós não preservamos a nossa história.

Então o que acontece? Todos esses bairros foram oriundos de poloneses, italianos, húngaros, búlgaros, portugueses. Então, minha gente nós estamos desrespeitado essa população que veio crescer com São Paulo. Nós estamos expulsando elas. A Vila Anastácio, quem a conheceu há 20, 30 anos, e vê hoje que virou espigão. A Lapa de Baixo, eu entendo que seja o último reduto da zona Oeste de São Paulo, nós temos que marcar presença. A Lei de Zoneamento é importante? É. Tanto que ela é importante que ela precisa ser contemplada com a carta geotécnica que foi recentemente promulgada pela Câmara e pela Secretaria. Tem que ser muito bem feito esse trabalho técnico, porque veja que a questão do impacto ambiental vai afetar inclusive a questão cultural. Derrubar prédios, temos a Melhoramentos. Quem não conhece a Melhoramentos? Recentemente, questão de quatro, cinco anos atrás nós abraçamos um marco do papel aqui em São Paulo, que era a Melhoramentos.

Pessoal, eu chamo a atenção para uma coisa só, existe um passado e esse passado precisa ser respeitado. É um desrespeito que nós estamos fazendo com as pessoas que vieram morar aqui. A Lapa de Baixo é um bairro que merece respeito. As suas ruas estreitas é um marco da Cidade. Então o zoneamento tem que ser preservado sob uma outra ótica, não só sob uma ótica política. Então vamos preservar São Paulo. Por quê? Porque a Lapa está perdendo sua memória histórica. Uma Cidade sem memória não tem história.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Humberto de Campos Sarti Filho.

O SR. HUMBERTO DE CAMPOS SARTI FILHO – Boa noite a todos, boa noite Vereador Eliseu Gabriel, Queija, Vereador Paulo Frange, Vereador Gilson Barreto, Vereador Police.

Hoje eu cheguei aqui meio que com faca na caveira, mas entrei, olhei para a cara dos Vereadores, o semblante, lavei minha alma, estou vendo que todos vão chegar naquela Câmara e derrubar esse projeto do Prefeito. Mudar isso aí. Trazer o Plano Diretor para ser

discutido com as associações, com os moradores de bairro. Definir. Nós já temos um arquiteto, Fernando Calábria, trabalhando nesse projeto também. Vamos sentar junto com o técnico da Prefeitura, com os técnicos e arquitetos de cada associação, como da Vila Madalena, da Lapa, vamos discutir isso. Ajude a gente que é morador, que vocês são a gente, gente como a gente e é isso que a gente precisa. (Palmas) Derrubem esse projeto do Prefeito que a gente sabe que ele foi feito no Google, que é loucura, é coisa de PT comunista, de implantar uma ditadura. Nós estamos vivendo uma ditadura civil e nós não podemos permitir isso. Então peço aos Srs. Vereadores, ajudem essa gente que essa gente ajuda vocês.

Muito obrigado e era só isso que queria dizer.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Adalto José Durigan.

O SR. ADALTO JOSÉ DURIGAN – Boa noite a todos. Queria cumprimentar os Vereadores.

Quero destacar que está presente, em apoio às ZEIS da região da Leopoldina, a UMM – União de Movimentos de Moradia da Barra Funda –, o Sr. Abrão; também está presente a União dos Movimentos de Moradia de Pinheiros e da Lapa; está presente o representante do Jardim Humaitá; o padre Edilberto, que já se pronunciou, presidente da Comissão Pastoral da Moradia da Região Episcopal da Lapa, desde o Rio Pequeno até Pirituba; além do Instituto Acaia, que está nos ajudando na discussão do projeto para o terreno da CMTC.

Não vou me alongar em outros temas, porque na gestão da Prefeita Marta eu coordenei essa discussão do Plano Diretor da região, e fui um dos principais defensores da manutenção das ZEIS 1.

Defendo, atualmente, as ZEIS na região, até para fazer justiça, pois, no Plano Diretor de 2004, aprovamos onde era a caixaria como ZEIS. Depois teve uma mudança, não sei como, na gestão que veio posteriormente, e foram construídos prédios de quatro dormitórios. As pessoas que moram lá não têm culpa disso. Fato é que houve um processo na

Prefeitura que redirecionou isso aí. E para fazer justiça, para atender a população que mora nas favelas do Jardim Humaitá, que mora na Favela 9, na Favela da Linha, nas submoradias que existem em várias regiões da Vila Jaguara, é importante que não somente as outras ZEIS que já foram citadas aqui, mas também as ZEIS onde era o terreno da CMTC sejam mantidas, especialmente a ZEIS 3, que prevê a construção de residência e de equipamento social também. Então podemos construir equipamento social nesse mesmo espaço. Estamos juntos com o Acaia discutindo o projeto, pois não queremos o projeto Cingapura tradicional, queremos uma coisa bonita para aquele espaço.

Outra coisa importante, Vereador Paulo Frange, é que estamos discutindo, junto com a Secretaria de Habitação, um projeto novo, para acabar com esses problemas que tem nos cingapuras atualmente. Queremos implantar o aluguel-social. Em vez de dar a propriedade do imóvel, concede-se o aluguel social para a população, que não tenha nenhuma cingapura montada na cidade de São Paulo. Queremos avançar.

Quanto à contaminação, já falamos para o senhor em mais de uma reunião, e não sei se já foi pedido à empresa: a descontaminação está sendo feita pela empresa Quartzo, contratada pela Prefeitura. Não negamos o debate, não queremos que construam imóvel em espaço contaminado, mas queremos enfrentar o debate, e não fazer o discurso de “ah, cuidado com o câncer!”, “olha que perigoso”. Não queremos isso, queremos uma discussão técnica de descontaminação. Técnica, para falar, e não fazer discursos de má-fé para descaracterizar a ZEIS 3.

É isso. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. José de Abrão.

O SR. JOSÉ DE ABRAÃO – Sou o Abraão, coordenador da União Nacional por Moradia Popular, e quero aqui dar um boa noite a todos, companheiros e companheiras, e aos nobres Vereadores.

Primeiro: gostaria de fazer uma observação: ouvi algo muito ruim em algumas falas,

de que o movimento de moradia invade. Não invadimos, ocupamos para que aquela terra cumpra a sua função social. Então, quem colocou isso aqui tem que estudar o que é movimento de moradia, ou então discutir conosco.

Segundo: é muito fácil o Vereador Andrea Matarazzo vir aqui e fazer um discurso, que para mim é demagogo, porque nós, pobres, da periferia, se não estivermos atentos ao Plano Diretor, ao zoneamento da Cidade, nós seremos jogados para o fundo do fundo da periferia, porque o pobre não tem o direito de morar perto do metrô. E nós defendemos que a população tenha o direito de morar perto do imposto, porque pagamos imposto tanto quanto qualquer outro que esteja aqui.

Defendemos o direito de igualdade, sem qualquer criminalização, dos companheiros e de todas as falas que foram colocadas aqui. Agora, Vereadores, o que precisa ficar claro aqui é que o zoneamento tem que ser preservado. Temos que preservar, primeiramente, o zoneamento de interesse social, para que possamos fazer mais moradias, porque hoje disputamos com o setor imobiliário, que espera que a Câmara, na calada da noite, não aprove o Plano Diretor. Porque eu ajudei, eu ocupei a Câmara Municipal quando foi para defender o Plano Diretor, e não foi um benefício de um movimento, mas em benefício de toda a sociedade da cidade de São Paulo.

Nesse sentido, a União está aqui para construir, não para destruir. Então não invadimos, ocupamos terra para que ela cumpra a sua função social, e vamos continuar ocupando para denunciar às autoridades e à sociedade.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Sr. Carlos Gilardino, do CADS/Lapa.

O SR. CARLOS GILARDINO – Boa noite à Mesa, boa noite a todos.

Meu nome é Carlos Gilardino, tenho 61 anos, e sou nascido e morador da Vila Hamburguesa, no Distrito Leopoldina. Sou conselheiro do CADS/Lapa e integrante do Fórum

Social Leopoldina.

O objetivo desta fala é propor a manutenção da proposta de ZEIS 3 para a área da antiga garagem da CMTC, na Av. Imperatriz Leopoldina.

Vou fazer um breve relato de tudo que aquela área, aquele distrito, passou ao longo do tempo.

No passado, tínhamos grandes áreas de várzea, brejo, lagoas, se tornando um polo industrial, gerador de empregos, grandes áreas desocupadas. Portanto, naquela época, tínhamos muito trabalho e grande oferta de moradia, e todos se conheciam. No presente, nossa região está em pleno desenvolvimento desordenado devido ao eixo de transporte – ferrovia, saída para as rodovias, divisa de município –, trazendo grandes empreendimentos imobiliários de alto padrão. Ótimo. Isso gerou um adensamento populacional, que certamente continuará tendo mais muros, cercas, grandes, que segregam os desfavorecidos.

Até hoje, a política perde-ganha se mostrou insustentável, gerando violência, acentuando as desigualdades, e, ainda, excluindo, ou seja, empurrando as famílias para regiões de municípios distantes, comprometendo os transportes, gerando congestionamentos, perda de tempo, aumento de despesa e a poluição. Portanto, hoje, temos mais e maiores problemas, e, ao invés de resolvê-los, nós transferimos, afastamos, nós escondemos, mas sabemos quais são os problemas, além de que hoje ninguém se conhece.

Para o futuro, acredito que o PDE nos possibilitará a oportunidade de promover a real inversão da política perde-ganha, que se provou insustentável e excludente, para a política do ganha-ganha, gerando melhores condições de mobilidade, com diminuição de deslocamentos, diminuição de tempos de viagem, diminuição dos congestionamentos, aproveitamento de ciclovias usando transporte alternativo. Já nos serviços públicos, maior e melhor ofertas de serviços para todos. No trabalho, maior oferta de emprego, maior oferta de mão de obra, e, portanto, menores custos para os empregadores. Na economia local, criação de novas centralidades no distrito, gerando desenvolvimento, emprego e renda

Já para o ambiente, este será garantido por menor tempo de deslocamentos, melhor acesso a serviços públicos, segurança ao trabalhador incentivando-o à estabilidade e, conseqüentemente, vontade de manter tal condição. Estabelecimento de novos laços sociais aumentando a participação na solução dos problemas locais, e todos se conhecerão com o aumento e fortalecimento dos laços.

No desfecho eu apelo aos nossos representantes para que se sensibilizem com o aqui exposto e não nos neguem a oportunidade contida no PDE, possibilitando a nossa contribuição no reordenamento do nosso território, do nosso distrito que historicamente sempre teve posição de resistência e quer o pleno desenvolvimento social e o uso socialmente justo e ecologicamente equilibrado do nosso território.

Muito obrigado. Boa noite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Obrigado. Alvio Malandrino, meu companheiro rotariano.

O SR. ALVIO MALANDRINO – Boa noite. Sou Alvio Malandrino, filho de um imigrante italiano que, como muitos que estão aqui, veio da Itália fugindo da fome, do desemprego. Meu pai veio logo após a Primeira Grande Guerra e se estabeleceu na Lapa, é praticamente um dos fundadores da Lapa. Eu nasci na Lapa há 76 anos, hoje moro numa travessa da Rua Pio XI.

O que eu sinto, Vereadores, é que a Lapa está se deteriorando. O comércio da Rua XII foi muito importante nas festas de Natal da Lapa; toda vez que tinha uma competição a Lapa era campeã na decoração de vitrines. Hoje vemos uma deterioração. A população está deixando a Lapa, foi para o Alto da Lapa, para o Alto de Pinheiros, Alphaville, enfim, sumiu. Hoje, da Rua Nossa Senhora da Lapa até a Avenida Pompeia, na Rua Clélia, não mora mais ninguém. Na Rua XII de Outubro há muito tempo não mora ninguém. Na Rua Clélia só tem portas de ferro fechadas, muitas placas de “aluga-se”, pequenos comércios.

A minha preocupação é essa. A solução está nas mãos dos senhores. Eu

realmente espero que encontrem uma solução, porque temos um hospital abandonado, que é o Sorocabana; um mercado que não tem estacionamento, um dos melhores mercados de São Paulo, só perde para o Mercado, não tem lugar para parar. É um bairro que tem tudo e não tem nada, então eu peço um carinho especial para o nosso bairro que como muitos outros, como Campos Elíseos, que foi um bairro muito importante, hoje é um lixo, um lixão, uma cracolândia. O meu medo é que isso aconteça.

Muito obrigado, senhores. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Obrigado, Alvio. Nicolau Elito Filho, Associação Comercial.

O SR. NICOLAU ELITO FILHO – Boa noite à Mesa, Vereadores. Sou da Associação Comercial. Só queria esclarecer uma coisa para aquela senhora que falou do destombamento da City Lapa: não foi na Associação Comercial, foi lá na São Pauba(?). A Associação Comercial conseguiu uma audiência na subprefeitura e aí descobriu que tudo aquilo que se passou para os vizinhos não era, não tem nada a ver com a Associação Comercial.

Nós pedimos para Monte Pascoal, Brigadeiro Gavião Peixoto, Barão de Jundiá e Pio XI zona comercial Z-2, que não vai alterar em nada. Andaram valendo por aí que, se mudasse o zoneamento lá, iam fazer prédios de dez andares de altura. O pessoal vinha para cima, queria até bater na gente. Mas quando a gente explicou que eram 10m, que é o que tem e não vai passar disso, aí mudou. Então zona corredor Z-2, que não vai alterar em nada, que já está cheio lá.

Como o Alvio falou, a Rua Clélia, a Guaicurus, como a Brigadeiro Gavião Peixoto também, e a Barão de Jundiá, são entrada e saída do bairro, têm muito trânsito, ninguém mais quer morar lá, não tem mais nada. À noite o subprefeito sabe, porque ele sabe como é a subprefeitura, certo?

Então, o que é essa zona estrutural, que vai poder melhorar ou não o bairro? Essa

é uma das coisas que a gente pergunta. Tem muito ônibus. Outra coisa: mesmo sendo ZCor-2, a Associação Comercial preserva o sossego das pessoas. O pessoal da Vila Madalena está falando que não tem sossego. Aqui na Lapa, quem mora na Vila Roma está lembrado de quando tinha o Samparral(?) lá, que era de segunda a segunda até 5h da manhã e ninguém conseguia fazer nada. Como é que alguém vai trabalhar ou estudar se não consegue dormir à noite. Encontravam-se drogas, bêbados, encontrava de tudo. Esse tipo de atividade em miolo de bairro não pode ter, porque todo mundo tem que dormir e descansar. Perdizes teve também um tal de Santa Clara, na João Ramalho, mas lá eram três dias por semana, aqui no Samparral era de segunda a segunda, das 22h às 5h. A Associação Comercial preserva o comércio mas quer o sossego e a tranquilidade de todo mundo.

Obrigado, senhores. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Obrigado. Calos Eduardo Minichi, Conselho de Planejamento e Orçamento Participativo - CPOP.

O SR. CARLOS EDUARDO MINICHI – Cumprimento a Mesa na pessoa dos dois vereadores que colocam emendas parlamentares para o nosso bairro e realmente prezam o nosso bairro, nobre Vereador Eliseu Gabriel e nobre Vereador Police Neto, que defendem o nosso bairro.

É uma pena que o Andréa Matarazzo saiu, porque eu não gostaria de tornar ideológica a minha fala, mas eu vou torná-la, sim, partidária, nobre Vereador Gilson Barreto, porque eu chego à conclusão de que os urbanistas do PT eram melhores quando estavam na oposição. Eu gostava, eu militava nessa causa. Eles falavam do verde, eu gostava do verde; eles eram contra a verticalização, eu também era contra a verticalização, contra todos esses itens. Agora eles viraram (ininteligível) e mudaram todo o discurso, nobre Vereador. Contamos com todos aqui para rapidamente levá-los, no ano que vem, para a oposição novamente. Essa é a grande conclusão. Eles e a bancada do PT. (Palmas) Eles eram grandes urbanistas. Isso que nós temos que ver, nobre Vereador Gilson Barreto.

O que está acontecendo, por exemplo, no Sumarezinho? Lá já está tudo no chão, nobre Vereador. A única coisa que nos salvou de não ter ereção de grandes prédios foi a nossa presidente Dilma Rousseff, porque o caos está tão grande que não se consegue construir. Então a única coisa que está preservando o nosso bairro ainda é o caos que se formou. (Palmas) Antigamente nós recebíamos vários telefonemas para comprar terrenos, para comprar casas e erigir prédios. Agora os telefonemas diminuíram, porque ninguém tem dinheiro para construir.

Para resumir o Plano Diretor, o senhor lembra que a gente apregoava que nós íamos diminuir o movimento pendular da população levando para a zona Leste, para a sua região, São Mateus. O senhor viu alguma empresa que foi, que migrou lá para a sua região por causa do plano diretor? Até agora nenhuma. Toda legislação que vocês se esforçarem em fazer não vimos. Eu, pelo menos, com a minha empresa não me sinto tentado a ir para a zona Leste para diminuir esse movimento pendular.

Bom, em resumo, concluindo, esse pessoal que está aí e inspirou esse zoneamento que vocês têm em mãos – o pessoal do PT – tem de voltar urgente para a oposição. Ali que eles são bons.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Carlos Eduardo, você está enganado, sou do PSDB, não sou do PT. Só para dar um diagnóstico, talvez você não conheça, estou no 6º mandato. Tenho votos em toda a Cidade. Sou Vereador de São Paulo com muito orgulho de ser um entre os 55. Muito orgulho.

E quando é feita uma lei, esta é feita para São Paulo. Quanto às emendas, cada Vereador tem uma quantidade que é determinada em cada orçamento. O Vereador sugere e quem faz é a Prefeitura. Apenas sugere para resolver problemas. Talvez as emendas viessem favorecer aquilo que você imaginava ter feito. É muito importante que as pessoas procurem um Vereador para sugerir emendas.

Tem a palavra o Vereador José Police Neto.

O SR. JOSÉ POLICE NETO – Vou tentar ser bastante breve, acho que há um fator fundamental no dia de hoje, foi a primeira audiência pública - tenho tentado participar de muitas delas - em que a sociedade oferece uma proposta que tenta aproximar universos que até outro dia pareciam muito distantes.

Então quero aqui reconhecer esse esforço que a sociedade vem fazendo porque tenho visto ainda poucos dos nossos colegas. O Vereador Paulo Frange está em todas; o Presidente está em todas; o Vereador Eliseu foi a todas as audiências da zona Oeste, mas temos sempre quatro, cinco, seis Vereadores participando destas audiências e é lógico, a informação que chega ao Vereador, a demanda via audiência pública é muito mais efetiva do que aquela registrada nos protocolos eletrônicos dos sistemas abertos à sociedade. Escutar a população demandar, escutar a população apresentando aquilo que deseja é uma tarefa importante e o parlamentar tem de cumprir, até em defesa do mandato popular e, portanto, somos muito alimentados pelo que recebemos nas audiências.

Mas por que digo isso? Porque a maior parte dos Vereadores não é técnica nem cientista na arte de produzir cidade. São médicos, professores, contadores, auditores, sociólogos, mas não são urbanistas. Aliás, a Cidade também não foi feita por urbanistas, mas quis a nossa sociedade produzir uma ciência de estudo de cidades. E, portanto, temos de aproximar neste momento conhecimento técnico e científico do conhecimento leigo e popular. Não adianta também abandonarmos todo o conhecimento técnico e científico e jogar fora anos de desenvolvimento.

Falo isso porque a sociedade nos deu uma lição hoje e falo porque o Jairo apresenta uma proposta na tentativa de aproximar sim as Zonas Corredores daquilo que são as Zonas Estritamente Residenciais protegidas de uma das ZERs importante, e que a Cidade tem num esforço de pactuação. Pactuação essa feita pela sociedade. Aqui estamos recebendo, não fomos nós que produzimos. Na realidade esse é o momento de conseguirmos construir a

pactuação com vocês. Portanto, parte disso tem de ser nossa oferta.

Por isso, o Relator tem tido todo o cuidado de, ao final de cada uma das audiências, dialogar um pouco com as propostas. Mas há um retorno da Câmara para dizer aquilo que ela conseguiu absorver de fato, porque senão fica parecendo que escutamos, vamos para a Câmara e voltamos sem nenhum retorno à sociedade.

Falo isso porque toda vez em que se fala no planejamento a partir do bairro fico bastante feliz porque há 10 anos insisto com isso. Vereador Gilson, apresentei emenda para este distrito, da Leopoldina, um dos distritos da Sub Lapa, e até hoje não consegui executar. Não tive a capacidade de convencer nem o atual Subprefeito, nem os três que o antecederam, que era importante desenvolver um planejamento para o Distrito da Leopoldina. Isso antes do CEAGESP anunciar que iria sair, mas por óbvio todos nós sabíamos, não de hoje, que precisava de um estudo mais aprofundado para uma região que notadamente terá especulação para todo lado.

E estamos atrasados, porque a CEAGESP está fazendo o estudo e para isso chamou a FIPE. Portanto, está muito mais preocupada com o resultado econômico do que com o resultado de cidade. E está a FIPE lá produzindo a fórmula com que a CEAGESP sai. Não sei o quanto a FIPE, no contrato feito pela CEAGESP, hoje governo Federal, está preocupada com a realidade local. Ou está preocupada com o financiamento da própria CEAGESP em estarem em outro canto da Cidade ou fora da própria Cidade, mas perdeu a oportunidade de ir à Prefeitura sim, de executar a emenda.

Falo isso porque acabei executando emenda em Perus. Lá, talvez, porque não houvesse tanto interesse econômico a emenda sugerida para Perus foi executada. E Perus tem um plano de desenvolvimento de bairro. A Leopoldina que é um Distrito nem mais e nem menos importante não conseguiu ter.

É importante sim termos um olhar em cima de um território, mas tem de ter o olhar e o voto completar esse olhar. Tenho assistido em muitas das nossas audiências uma fala que

contempla os ouvidos, mas não se aproxima do voto que é dado em plenário. Isso me provoca porque escuto coisas diferentes da posição na hora do voto. Então lá na audiência fala uma coisa e quando chega à Câmara parece que é outra.

Digo isso não para afastar nem para deixar de afastar as posturas dos parlamentares. A população consegue hoje assistir pela TV, pela Internet, e ver como votaram os Vereadores. Acho que este é o período que vamos bem passar, em que as posturas devem se aproximar do voto dado.

Quero acreditar que vamos ter a competência sim de modular algumas das Zonas de Estruturação, aquelas que geraram tanta preocupação porque tem um coeficiente de aproveitamento quatro. E acho que parte delas é importante para a Cidade sim e parte delas também importante, mas jamais chegará àquilo que foi anunciado. Os parâmetros excedem a capacidade de recepção.

Então temos de saber modular sim, como temos de saber apresentar propostas distintas para as Zonas Corredores que devem acomodar atividade econômica lícita, competente para oferecer para bairros residenciais uma forma sustentável de ter uma cidade. Se não fizermos isso nos enganamos e, portanto, para que não nos enganemos, o debate feito hoje na Sub da Lapa foi sim – faço questão de contar para os que ficaram – o melhor que assisti até aqui. Houve tensão, burburinho de cá, vaia de lá - tentativa de vaia porque vaia não teve -, mas teve contribuição real sim. Cada vez mais a comunidade nos dá contribuições que no passado os parlamentares não tinham. São apresentadas nas telas, documentos entregues, arquitetos e urbanistas que se oferecem para comunidades que não têm como pagar, como muitas das Zonas Estritamente Residenciais têm como.

A gente teve recentemente uma audiência pública, em que uma associação que tem essa condição, e fez, contratou as três dimensões para proteger a vida tranquila daquele bairro, absolutamente importante. Mas nem todos têm essa condição. Temos visto muitos profissionais como o Chico, que tem dado parte da sua vida para construir informações que os

Parlamentares não têm.

Muitos da nossa sociedade têm a coragem de vir e expor seu ponto de vista, mesmo sabendo que terá gente para criticar. Por isso, a estudante que esteve aqui falando da leitura que ela faz tem de ser elogiada. Posso até discordar dela, mas admiro a sua coragem de enfrentar um debate tenso como este, que mexe com a vida das pessoas, de se expressar e dizer o que acha, mesmo não levando os aplausos, mas tendo a garantia de ter contado a todos o que, de fato, acredita. Esse é o espírito que deve ser revelado por todos os senhores para convencer os 55 Srs. Vereadores.

Estou convencido de que teremos de fazer diversas alterações, vamos modular a ZEU, fazer o ajustes em ZCor e ZERs. Estou convencido de que esse voto tem de ter o acompanhamento da sociedade, e temos que recuperar um pouco do que perdemos, porque a sociedade está nos mostrando que se o caminho de qualquer processo revisional, a partir desse, não for pelos planos de bairro, erramos todos.

Aquilo que tive a oportunidade de conversar com o Professor Cândido Malta, há dez anos, em Perus, levou um tempo para chegar aqui, porém, chegou com a força que poucos imaginavam. Se não houver elementos claros na Lei de Uso e Ocupação do Solo, para qualquer processo revisional depois desse se iniciar pela base, pela quadra, subindo, porque o arranjo da Cidade já teremos; a partir daí já poderemos acertar muito mais do que temos acertado. E espero que o meu mandato possa ser um espaço de contribuição para isso, na confiança de que os Srs. Vereadores estarão absolutamente alinhados com isso.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Tem a palavra o Relator, nobre Vereador Paulo Frange.

O SR. PAULO FRANGE – Vou falar rapidamente sobre alguns pontos, e não a resposta individual, até porque a Relatoria não emite nenhuma posição definitiva sem que seja escrita, e manifesta o desejo da Comissão de Política Urbana e seus sete membros,

posteriormente dos 55 Srs. Vereadores que participarão desse processo.

O Plano Diretor Estratégico é lei, aprovado há mais de um ano, está vigente. A cidade de São Paulo tem 3% das áreas destinadas às zonas de eixo e mais 3,2% para eixos previstos, para quando for abrindo novas estações de metrô e trem na Cidade. Isso descongela parte do que está paralisado na cidade de São Paulo.

A Lei de 2004 foi esgotada, não tem mais nenhuma capacidade de gerar algum tipo de benefício para a Cidade, pois se esgotou rapidamente pelo aquecimento da economia da Cidade e no Brasil. A pesquisa feita pela *Folhapress* mostrou que, de 2007 a 2013, São Paulo teve 8 mil imóveis demolidos para a construção de prédios, sendo 20% desses na Subprefeitura de Pinheiro e 10% em três Subprefeituras, cada uma: Vila Mariana, Lapa e Santo Amaro – empatados. Portanto, a Subprefeitura da Lapa está entre as cinco que mais tiveram demolições com lançamentos imobiliários.

Estamos falando de uma região diferente de todas as outras que tenho encaminhado. Esta é a 39ª audiência pública e temos uma característica completamente diferente. A cidade de São Paulo tem renda *per capita* média de R\$ 1.250,00; e nessa região, a renda *per capita* é o dobro. Aqui temos um percentual de 20% da população com mais de 20 salários mínimos. Coisa que não acontece em nenhum dos outros distritos da Cidade, exceto Pinheiros, Vila Mariana, e mais um. Não sei se tem mais um, acho que está entre os três.

Portanto, é uma condição bem diferenciada. Só que temos todos esses extremos para tratar. Com relação à discussão de zona residencial as zonas residenciais, desde que chegou à Câmara, é sentimento de todos e não poderia ser diferente de que temos de fazer o máximo para preservar tudo aquilo que for possível das zonas estritamente residenciais. Elas foram construídas dentro de um processo de condomínio numa época em que a única ocupação organizada do solo, por mais de cinco ou seis décadas, foram feitas pelas companhias City e tantas outras, depois fizeram o City Lapa, os Jardins, o Pacaembu. E foi frase famosa de Fábio Prado de que a cidade só tinha a organização do solo onde os

loteamentos existiam. E foi assim até setenta e dois, quando o Figueiredo Ferraz fez o primeiro Plano Diretor. Naquela época em que ele fez o primeiro Plano Diretor e preservou todos os espaço disse que tinha nas bordas que ter algum lugar para as pessoas comprarem aquilo que precisa. E saiu a palavra, entre aspas, no Jornal *Estadão* esses lugares seriam um corredor para que as pessoas pudessem comprar aquilo que era de uso específico daquela população.

Durante muitos anos aconteceu isso. Isso era publicado apenas por decreto, eventualmente, autorizava uma ou outra atividade. Os corredores que surgem em 2004 e agora nas zonas de corredores não vão ficar como estão. Nós tivemos grandes contribuições. O Jairo trouxe uma aqui hoje e tivemos uma contribuição importante, com o Grupo da Estados Unidos que logo no início foi tratado com muita cautela e buscaram todo o tipo de trabalho técnico junto aos técnicos que eles contrataram e mais o trabalho da Comissão de Política Urbana junto com os técnicos da Secretaria de Planejamento. De lá surgiu uma situação muito parecida, Jairo, com aquilo que você apresentou hoje. Esse texto já está pronto, estamos achando uma forma de ser absorvido do texto final, onde o conceito do corredor vai também resolver um problema nosso que é a zona de transição. Exatamente naquele desenho onde o corredor acaba empurrando para dentro da zona de centralidade do outro lado para que possamos ter uma paisagem urbana menos sofrida, ou seja, quem estiver na área residencial poder ter os prédios mais afastados e não ficar emparedado dentro das zonas residenciais. Isso que você trouxe é uma grande contribuição. Estamos discutindo o texto com a procuradoria, com a Câmara, para que esse texto não leve a nenhuma interpretação equivocada e a gente possa correr o risco final, mas essa mudança com certeza virá e vamos tentar tratar todas as áreas onde tem zonas corredores na Cidade.

O ponto mais importante é exatamente os usos, que não foi muito discutido aqui pela incomodidade. Que uso vai ter o meu corredor? E aí tem um artigo do plano da lei que diz que fica par ao Prefeito publicar um decreto dos usos junto aos usos premissos com o código nacional de atividade econômica. E nós resolvemos fazer o contrário, resolvemos ajudar nesse

processo, resolvemos trabalhar junto e colocamos de um lado os usos todos do outro o Código nacional de Atividade Econômica. É um processo extremamente trabalhoso, mas desde que começamos até agora já encontramos inúmeras situações que podemos ter uma leitura de qual uso que pode ter no corredor que eventualmente é mais incômodo e eu não gostaria de tê-lo. Porque agora nós temos, se você pega a palavra “a” de adega você vai encontrar o Código de Atividade Econômica seis ou sete tipos de situação de adega. Tem adega até com show, mas a adega está prevista é a adega sem consumo. Essa tem um código e tem de entrar. As outras nós temos de tirar, temos de apagar, portanto, quando sair o decreto com certeza vai sair mais limpo.

Queremos apresentar isso antes para vocês terem oportunidade de deixar isso na internet, para que possamos dialogar e trabalhar um pouco essa discussão do uso, que é muito importante, afinal, não é só colocar o corredor ser 1, 2 ou 3. Tem de se saber quais usos colocar lá.

A outra situação que me preocupa ainda é exatamente um dos grandes potenciais que a região tem. Ela é industrial também, pois responde por 10% dos empregos da indústria na cidade de São Paulo. É muita coisa.

Mas nós não fomos procurados por ninguém da indústria, no sentido de pedir, ou para demarcar mais, ou para resolver alguma situação, ou mesmo, nada. E nós fizemos a nossa parte. Fui à FIESP, estamos em contato com a CIESP, mas não fomos procurados, ainda, para poder demarcar alguma área que, eventualmente, não foi demarcada e tudo o mais.

Quando vemos lá: ZPI, que é aquele azul, é uma indústria de transformação, mas tem as Zonas de Desenvolvimento Econômico e, para ter certeza absoluta, nós trabalhamos muito. O Vereador José Police Neto é testemunha nesse processo, porque, à época, estava na Comissão de Política Urbana conosco, para deixarmos desenhado e gravado o polo de desenvolvimento tecnológico do Jaguaré. Aquilo ali, colado no *campus* da USP, cortado ao

meio pela Avenida Jaguaré e, entre ele e a USP – com a Politécnica -, é um enorme gol para a região. É aquele rosa, ao lado da cor bege, lá embaixo, por toda a USP. Vejam, é muito importante aquela área. Polo de desenvolvimento tecnológico, ali, pode ser nosso MIT, pode ser o Vale do Silício nosso. Ali é exatamente tudo que gostaríamos de ter para o desenvolvimento econômico.

Nas áreas de desenvolvimento econômico dessa região, se vocês olharem, mais ao norte, no caminho do Tietê, somados na Cidade, dá 6,7% da área, enquanto as zonas industriais representam 2,5%. As primeiras geram muito emprego. Nessas áreas podemos ter convivência de desenvolvimento tecnológico, indústria de tecnologia, indústria limpa, montadoras e: residencial, coisa que não pode em ZPI.

Então é muito importante. Mas, também, não tivemos acesso ainda a esse pessoal. Estamos participando de congressos, eventos e seminários. Semana passada, foi no *campus* da Universidade de São Paulo, e foi muito importante. Amanhã, é na Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura. Portanto, estamos fazendo todo tipo de contato para que possamos buscar o máximo de informação técnica que possa receber colaborações. Como vocês fizeram aqui, hoje. Quanto mais puderem chegar informações para nós, menos vamos errar. E estamos ouvindo tudo isso.

As Zonas Especiais de Interesse Social foram demarcadas e, hoje, correspondem a cerca de 15% do território. Uma parte das ZEIS 1 – parte delas -, dos 12% que tínhamos, 10% desses 12% foram transformadas em Zona Mista de Interesse Social, porque houve regularização fundiária, coisa que estava parada. E, agora, a com regularização fundiária, essas áreas passam a Zona Mista de Interesse Social e é quase que uma boa parte do território da Cidade Tiradentes, e todo o conjunto José Bonifácio, e ainda uma parte, aqui em Taipas. Somando tudo, 10% dessas áreas já têm o direito de não ser ZEIS, o direito de ter um comércio, o direito de ter um comércio regular, e da pessoa ter a regulamentação fundiária.

Esse processo de regularização fundiária vai acontecer muito devagar. Lembro-me,

no Governo passado, de pessoas que diziam que isso demoraria 4, ou 5, ou até 6 Prefeitos seguidos para que pudéssemos ter a regularização fundiária de tudo que nós temos em São Paulo. É um trabalho muito difícil, muito pesado, mas temos de conviver com isso e assumir.

Minha preocupação é, no final, para que possamos tratar desse assunto como foi tratado até agora, ou seja, sempre com o coração muito quente e sempre com a cabeça muito fria. Tratar sem buscar ataques pessoais, nem partidizar, para que possamos construir uma lei que seja boa para São Paulo toda. Para que possamos buscar uma lei que seja exatamente a razão dela. Ou seja, não é só o Parcelamento e Uso do Solo, mas o que é que podemos extrair desse parcelamento e uso, demarcando áreas específicas que possam ser capazes de ter a conversão de alguma coisa em desenvolvimento econômico. É quando eu posso transformar, nessa lei, algum território capaz de ser gerador de emprego. E é isso que nós desejamos muito. E há muita possibilidade disso.

Respondendo ao Alvio, que falou do assunto agora há pouco - e falou muito emocionado – mas, antes, quero dizer que fico triste, porque, quando cheguei a São Paulo, com meu fusca, na Anhanguera, e vim pela Clélia, direto, cruzei, e saí procurando o Ibirapuera para ver onde era o Dante Pazzanese – disseram-me que era só seguir reto, ia pegar um negócio alto e o primeiro avenidão, onde eu entraria à direita, encontraria o Obeslico e o Dante Pazzanese estaria logo ao lado.

Então, Vereador José Police Neto, eu vim para São Paulo desse jeito: com um Fusca 64, em 1975 – 1976, para praticar Cardiologia, no Dante. Nós passamos por aqui, um movimentão. Hoje, assusta-nos ver essas avenidas todas vazias, a Clélia, a Guaicurus e tudo o mais.

E, amanhã, será um dia de debate sobre isso, nesse seminário. Então, o que podemos fazer lá? E, daí, contamos com a ajuda de todos os Srs. Vereadores que já têm experiência nisso. Repito: o que podemos fazer nessas zonas de centralidades, para que elas sejam mais atrativas para o mercado local, para aquele ambiente de centralidade, para que a

loja que vai se instalar lá, seja de melhor qualidade e possa gerar mais empregos, mais luz acesa durante o dia, com calçada mais recuada e também mais oportunidade de vida na rua, como ouvimos agora há pouco? É muito importante encontrarmos essas soluções.

Então como a zona de centralidade está muito parecida com a zona mista, mas ela é o comércio local, vamos ter de achar, nesse plano, alguma mudança para que possamos tratar esse assunto, que faz parte de toda essa discussão que estamos fazendo e que já faz umas duas ou três semanas. E, saibam, está evoluindo.

Esse projeto chegou. Ele é extrato de conhecimento de muitos e muitos anos de pessoas que estão dentro da Secretaria, acompanhando todo esse processo. E, agora, cabe a nós, fazermos a mudança. Ele vai sair da Prefeitura, da Câmara, muito mais qualificado do que chegou. E isso porque recebeu mais audiências públicas, mais participações e há o diálogo aberto com os técnicos da Prefeitura, da Subprefeitura e com outros técnicos que têm nos ajudando também, mesmo que contratados para essa missão específica.

Espero continuar contando com o apoio de todos vocês, com toda a ajuda, pois tem sido muito importante, preciosos e não vamos deixar de estar atendendo. Aliás, quanto a atender, estamos recebendo as colaborações também no nosso gabinete, o Vereador Gilson Barreto também, todos os membros da Comissão de Política Urbana. E isso acontece todos os dias.

Também estamos ouvindo todos, nas audiências públicas, quatro vezes por semana: segunda e quinta, à noite, e sábado de manhã e à tarde. Também aos domingos, fica aberta, aqui, a oportunidade, estamos indo em alguns lugares, que são áreas de conflito.

Domingo agora, por exemplo, fui ver uma área que me impressionou muito que é, exatamente, o limite entre Paraisópolis e o Morumbi. E aí, impressiona mais ainda, pois é um limite muito difícil de compreensão. Além do que, há uma série de reclamações de lá e de cá. Daí, você fica numa situação de Salomão e volta para casa e, pior, com uma dificuldade enorme de dormir. Não é fácil. É uma operação difícil, mas tem solução e, para tanto, temos de

buscar o equilíbrio. Por isso, temos de estar com a cabeça realmente muito fria.

Agradeço a vocês mais uma vez. Muito obrigado pelo carinho e pela oportunidade que nos dão de aprender com todos. Obrigado, Sr. Presidente. Obrigado a todos os Vereadores que estão aqui, conosco.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Vereador Paulo Frange foi ao Morumbi e eu fui à terceira divisão. Desculpem, é só uma brincadeira, para descontrair.

Quero avisar que teremos audiência pública dia 3 de outubro, das 9h30 às 12h30, em Santo Amaro, à rua Sargento Geraldo Santana, 901, vila Taquaral. E, das 14 às 17h no CEU Butantã. E, segunda-feira, para atender as pessoas que não puderam vir, mas também todos estão convidados, a nos visitar na Câmara Municipal, no 8º andar, tem audiência pública reunião para aqueles que não puderam entrar – pois o espaço ficou pequeno – e também para aqueles que não conseguiram entrar na audiência pública de Pinheiros. Tudo bem?

—
- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Gilson Barreto) – Como? (Pausa) Sim, às 19h.

E não havendo mais nada a tratar, encerramos a presente audiência pública. Obrigado a todos e que Deus acompanhem vocês até o retorno a seus lares.